

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Ensinamentos Esotéricos
Volumes 7 e 8 por
G. de Purucker

O que é o “Eu?”

Simpósio 2022: procura
independente da verdade

A finalidade dos
objectivos

ESPAÇO, tempo e
consciência

A Teosofia na Natureza:
será que cada ser
individual tem um
carácter único?

Podemos reparar o dano
que provocámos aos
animais?





Editorial

50

Ensinamentos Esotéricos Volumes 7 y 8 por G. de Purucker

p. 51

Nos volumes 7 e 8 Gottfried de Purucker entra em maiores detalhes, se compararmos com os volumes anteriores. No volume 7 nós mergulhamos mais fundo na vida atrás do nosso Sistema Solar e na nossa evolução dentro dele. O volume 8 trata acerca das unidades espirituais que constroem toda a vida. Isso toca então certos temas práticos tais como a hereditariedade, a doença, e o karma em geral.

Erwin Bomas

O que é o EU?

p. 55

Uma tentativa de responder à mais essencial das questões: Quem sou EU?

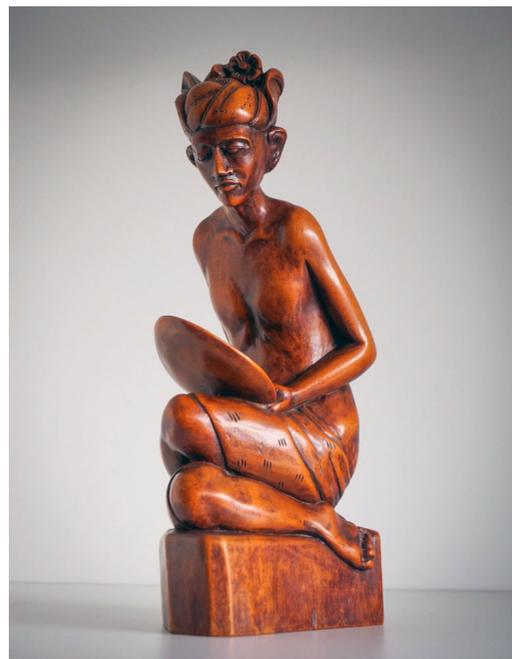
Barend Voorham

A finalidade dos objectivos *Swabhāva: os reais objectivos vêm de dentro*

p. 60

A vida está cheia deles: objectivos. Há objectivos na escola, objectivos ou metas no nosso trabalho, objectivos no governo. “Objectivos de Desenvolvimento Sustentável” nas Nações Unidas e objectivos na vida. Podemos passar toda a nossa vida perseguindo objectivos. Mas será essa mesma a questão? E estes objectivos são todos diferentes? O que é que são realmente objectivos e qual é a sua finalidade? Uma análise teosófica.

Erwin Bomas



A figura balinesa de um homem a olhar para um espelho.

ESPAÇO, tempo e consciência

p. 67

Como é que ESPAÇO, o tempo e a consciência se relacionam uns com os outros? Um artigo sobre o abstrato e relativo ESPAÇO, tempo e consciência.

Barend Voorham

Teosofia na Natureza *Sera que cada ser individual tem um carácter único?*

p. 74

É óbvio que nós, humanos, temos um carácter individual, pelo qual nos distinguimos a nós próprios dos seres humanos nossos companheiros. Será que isto é também aplicável aos animais, plantas, minerais e elementais individuais? E aos deuses?; os seres que são mais avançados do que os humanos?

Henk Bezemer

Perguntas & Respostas 79

» Será que podemos reparar os danos que fazemos aos animais?



Editorial

Enquanto editamos este *Lúcifer*, a terrível guerra na Ucrânia rebentou. Algumas pessoas perguntaram o que é que nós, com os conhecimentos da Teosofia, podíamos fazer acerca disto. Apesar disso, os editores decidiram não prestar ainda muita atenção ao tema da guerra e da paz nesta edição, que estava prestes a sair pronta, porque uma análise adequada e uma contribuição para uma solução duradoura tomam mais tempo. Contudo, regressaremos a este assunto muito importante no próximo *Lúcifer*, porque *Lúcifer* não é só o Portador da Luz, mas também o Portador da Paz.

Isto não significa que você, leitor, tenha que esperar pelo contributo para a paz. Os pensamentos interligam-se com as acções. Os pensamentos hostis e odiosos, mais tarde ou mais cedo, levar-nos-ão a acções hostis e odiosas. Por consequência, cada um pode contribuir para a paz mesmo agora, pensando pensamentos de paz, amor, compreensão e compaixão. Além disso, podemos apoiar acções pacíficas ou iniciar alguma actividade para a paz, amor, compreensão, que brota no seu coração altruísta. Os artigos incluídos neste *Lúcifer* serão certamente capazes de o ajudar e inspirar a fazer isso.

Parece que os artigos *O que é o EU?* e *Espaço, Tempo e Consciência* estão longe da prática de cada dia. No entanto, nada podia estar mais longe da verdade. Os pensamentos expressos em ambos os artigos não são refeições fáceis de digerir e requerem uma ponderação profunda e minuciosa. Em resultado deste processo, contudo – que pode tomar algum tempo – olharemos para a vida de forma diferente, veremos a nossa própria vida pessoal num contexto muito mais amplo e viveremos muito mais no eterno *Agora*. Além disso, desenvolve um profundo sentido de parentesco e unidade para com todos os seres humanos.

Nesta edição continuamos as nossas revisões dos *Esoteric Teachings (Ensinamentos Esotéricos)*, de Gottfried de Purucker. Discutimos o volume 7, *a Doutrina das Esferas*, e o volume 8, *Deuses, Mónadas e Átomos-Vida*. Ambos os volumes tratam acerca da cooperação: o volume 7 está focado na cooperação entre o sol e os seres do nosso sistema solar, e o volume 8 mostra a cooperação maravilhosa entre hostes de mónadas de todas as espécies de estádios de desenvolvimento.

No artigo *A finalidade dos objectivos*, é elaborada uma das joias da Sabedoria, Swabhāva ou auto transformação. Em especial nos tempos que correntes nos quais os fins justificam os meios este artigo providencia alimento para o pensamento. Um objectivo claro pode dar direcção à sua vida. Mas não lute por objectivos, *viva-os*. É óbvio que nós, humanos, temos um carácter individual, mas e os animais, as plantas, e os minerais? A resposta a esta pergunta ensina-nos não apenas mais acerca de nós próprios mas também acerca dos nossos irmãos mais novos – os animais e as plantas – e os nossos irmãos mais velhos, os deuses.

Finalmente, na nossa secção de perguntas, incluímos questões acerca da prática do que se prega, o dano que causámos aos animais e o guia espiritual das nações.

Terminamos o nosso editorial afirmando que estamos abertos às perguntas e comentários – e assim terminaremos agora. Mas por esta vez também vos convidamos a enviar alguma ideia que possa ter para mais paz no mundo. Cada ideia, não importa quão pequena e insignificante possa ser, é bem-vinda. Prestar-lhe-emos atenção no *Lúcifer* seguinte.

Os editores

Ensinamentos Esotéricos

Volumes 7 e 8 por Gottfried de Purucker

Nos volumes 7 e 8 G. de Purucker entra em maiores detalhes, comparado com os anteriores volumes. No volume 7 mergulhamos mais fundo na vida atrás do Sistema Solar e da nossa evolução dentro dele. O volume 8 trata das unidades espirituais que constroem toda a vida, até ao ponto dos nossos próprios corpos. Isto toca em temas muito práticos tais como a hereditariedade, as doenças, e o karma em geral.

Os *Esoteric Teachings* (*Ensinamentos Esotéricos*), volumes 7 e 8 mostra-nos outra vez como é especial a oportunidade que *era* e que *é* de, em primeira mão, ganhar conhecimento da inexaurível fonte da Filosofia Esotérica ou Teosofia. Isto *foi* o caso daqueles discípulos que, sob a direcção de G. de Purucker (GdeP), como cabeça externa da *Secção Esotérica*, podia ocupar-se dos encontros deste elevado chela dos Mestres de Sabedoria e Compaixão. Mas isto é também uma verdade para o leitor de hoje em dia, que pode tomar estas volumes – baseadas nos apontamentos estenográficos daqueles encontros e mais tarde editados e complementados por GdeP para publicação – em atenção e como preparação para passar este conhecimento para aqueles que “procuram mais luz”, como GdeP escreveu no fim da volume 8. Como foi decidido no juramento, na frente de cada parte dos *Esoteric Teachings* e foi explicado melhor no volume 1 “houve”, e “há”, também aqui, apenas um motivo acertado para que os estudantes to-

mem nota destes ensinamentos para se treinarem eles próprios a ajudar e ensinar os homens seus companheiros. E isso quer dizer basicamente tentar que estes ensinamentos sejam uma força viva nas suas vidas.

A singularidade destes ensinamentos reside no facto de eles providenciarem respostas cristalinas a muitas questões diárias da vida. E isto é apenas a ponta do véu que está a ser levantada. Porque GdeP enfatiza constantemente que ele não está autorizado a dar mais do que dá e de que muitos ensinamentos que ele aborda são demasiadamente esotéricos para este nível.

Em baixo temos algumas questões a que GdeP responde nos volumes 7 e 8:

- O que é o nosso sol em essência e como é que nos relacionamos com ele?
- Há vida nos outros planetas do nosso Sistema Solar?
- Em que é que consiste toda a vida?

Pensamentos-chave

» O sol que nós podemos ver é o veículo exterior de uma deidade interior. Este Hierarca do nosso Sistema Solar coopera com outros seres divinos que encarnam eles próprios nos planetas. Deles deriva a inspiração cósmica que nós expressamos na nossa jornada evolucionária como uma Mónada em cada um dos Planetas do nosso Sistema Solar.

» Cada manifestação é uma colaboração de Mónadas de vários graus: desde um deus interior até aos átomos de vida que encarnam eles próprios nos átomos físicos de um corpo. Com a nossa vontade livre, podemos conduzir a cooperação com os nossos átomos-vida em direcção à harmonia ou desarmonia. Herdamos as consequências disto nesta e nas seguintes encarnações.

- O que é a hereditariedade e como é que ela funciona?
- O que é a doença e como é que ela funciona?
- Como é que o karma funciona?
- O que é o bem e o que é o mal?

Quando trata destas questões práticas, GdeP começa sempre com os princípios fundamentais da Teosofia. Nele, o espiritual ou o princípio da consciência é sempre central: tudo o que se manifesta é uma expressão da Vida Una, e é em essência a ilimitabilidade. Isto pode soar forte e distante, mas GdeP mostra como se pode chegar a uma perspectiva verdadeira na Natureza e dentro de si próprio baseado nestas premissas fundamentais. Ao proceder assim, ele conecta os conhecimentos universais da Teosofia com os factos científicos contemporâneos, fornece um sólido fundamento filosófico para cada ensinamento, e ilustra como é que se podem encontrar estes ensinamentos no simbolismo das grandes religiões mundiais.

Desenvolvendo a consciência cósmica*

Os ensinamentos atrás expostos nas doze partes dos *Esoteric Teachings* não são separados, teorias autónomas, quer se trata da vida do chela ou estudante, da estrutura do cosmos, ou do processo após a morte. Não há ensinamento teosófico simples que não esteja relacionado com outros. Tudo forma um todo coerente e integral. E porque nós, humanos, somos também uma parte integral daquele todo, cada ensinamento respeita também indirectamente acerca de nós.

Os ensinamentos mostram-nos que nós somos também tanto filhos da terra como filhos do sol e das estrelas. Que o Cosmos total é a nossa casa e que podemos desenvolver uma consciência cósmica durante a nossa peregrinação cíclica ao longo das cadeias planetárias e das suas esferas.

Nos volumes 7 e 8, GdeP entra em maiores detalhes comparado com as partes anteriores. Nos volumes 1 e 2 o foco reside no motivo que é necessário ser considerado antes de o estudante se tornar familiarizado com os ensinamentos esotéricos. Nos volumes 3 e 4 esboça o mais amplo quadro do ilimitado e das 12 forças que se podem distinguir no cosmos, tanto como nós podemos compreender. Nos volumes 5 e 6 GdeP mostra como nasce ou emana um cosmos, e de que esferas ele é composto. No volume 7 cavamos mais fundo na vida atrás do nosso visível Sistema Solar e da nossa evolução dentro dele. O volume 8 trata

acerca das unidades espirituais que constroem toda a vida, mesmo até a construção dos nossos próprios corpos. Isto respeita então a temas muito práticos tais como a hereditariedade, a doença e o karma em geral.

Os Mistérios do Duodécimo Sol

A parte 7 começa com o ensinamento acerca do nosso sol. O verdadeiro título deste primeiro capítulo da parte 7 “Os Mistérios do duodécimo Sol” já levanta questões conosco. Porquê duodécimo? E que é justamente um dos Mistérios. Mas aqui também os Mistérios começam a dissolver-se à medida que nós raciocinamos do ponto de vista da consciência. O Sol, tal como todas as outras manifestações, é um ser vivo. E o brilhante sol externo é apenas um reflexo do veículo de uma deidade interior cósmica que habita na nossa estrela diária. Um ser que estende a sua influência espiritual sobre toda a Cadeia Solar com todas as suas doze esferas das quais apenas uma é visível para nós.

O sol como coração e cérebro do nosso sistema solar

Portanto, o sol externo é apenas um veículo, ou antes, um órgão, no corpo que nós conhecemos como o nosso sistema solar. Ele é o coração e o cérebro deste corpo, com os outros planetas a funcionar também como órgãos. E como o nosso corpo é a parte mais baixa de uma constituição de sete, dez ou doze partes (dependente do detalhe e do objectivo que escolhe), assim também é o ser solar: sete, dez ou doze partes. Ou actualmente o contrário: numa escala mais pequena, nós somos constituídos exactamente como o ser cósmico no qual nós temos a nossa existência e, em última análise, temos também o mesmo potencial. Tal como o Sol, *temos* um corpo de que nos podemos aperceber externamente. Mas nós *somos* essencialmente um ser divino espiritual, que expressa o seu carácter individual num corpo, por intermédio de partes intermédias: mentais, psicológicas e emocionais.

H.P. Blavatsky já escreveu na em *A Doutrina Secreta* que o Sol é o coração batente de um ser vivo e que o ciclo das manchas solares pode ser visto como as batidas do coração solar. GdeP ilustra esta citação com uma análise científica de um dos seus estudantes. Ele compara a relação dos ciclos solares, expressas em yugas – período de tempo de milhares de anos – com o ciclo do coração. Em ambos os

* Neste artigo mantemo-nos fieis à ortografia de GdeP, onde cosmos com um c se refere ao sistema solar e kosmos com um k se refere ao sistema galáctico. Para mais, se a palavra está com maiúscula, ela refere-se à consciência que está por detrás da manifestação. Sem letra maiúscula, (sol, cosmos ou kosmos) ela respeita apenas ao exterior, à parte física. É o que compreendemos a partir dali.

casos, tornam-se múltiplos do número místico 432. O nosso coração impulsiona o sangue através das nossas veias numa “ratio” similar como os ciclos cósmicos se relacionam uns com os outros, tal como o ciclo messiânico de 2160 anos e a precessão dos equinócios de 25.920 anos. GdeP dá-nos muitos mais detalhes neste capítulo de, entre outras coisas, a origem da energia surpreendente do sol, e sobre a qual não abandona a discussão de teorias científicas, tais como as auroras (luzes do Norte e do Sul) são exactamente, e como em diferentes tradições (tais como nos ensinamentos egípcios, nos Hindus, nos cristãos) há tríades que referem a essência do Sol. Com a parte final a ética e talvez a mensagem mais importante para nós: como é que nós, eventualmente através da iniciação, podemos aprender a fazer entrar o Sol espiritual pela via da nossa própria parte espiritual solar.

Os Doze Planetas Sagrados

O capítulo seguinte discute as características dos Doze Planetas Sagrados. Hoje em dia, a ciência moderna só reconhece 8 planetas e um número de planetas anões no nosso sistema solar, mas GdeP indica antes (no volume 4) que o que observamos é apenas a secção cruzada externa do Sistema Solar. Nós observamos apenas um dos sete, dez ou doze planos cósmicos em que ele consiste. Assim, há incontáveis mais planetas no nosso sistema solar, em para nós planos invisíveis em maior quantidade dos que são nossos conhecidos. Isto conduz-nos imediatamente a uma posição de modéstia acerca do nosso conhecimento externo do sistema solar. Se queremos conhecer mais acerca da nossa “casa cósmica”, teremos que tocar em outras possibilidades de percepção dentro de nós próprios. E nós temos essas possibilidades.

Como mónadas ou eternos peregrinos, desenvolvemos estas capacidades durante a nossa longa jornada evolucionária à volta dos Planetas Sagrados do nosso Sistema Solar. Onde chegámos agora ao ponto de paragem do planeta Terra.

Ondas de vida e rondas internas

No terceiro capítulo e no capítulo final do volume 7, as ondas de vida e as “rondas interiores”, ou a evolução das classes de mónadas pelas diferentes esferas da Cadeia Terrestre é um tópico central. Aqui encontrará uma característica especial do processo, tal como explicou antes GdeP no seu livro *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. Este capítulo discute primeiro a construção das esferas da cadeia planetária durante a primeira ronda, com as classes superiores a colaborar com os reinos elementares mais baixos. Então GdeP

insiste no assim chamado *śiṣṭas* ou o mais avançado, que fica atrás durante o período de obscurecimento (período de descanso entre duas rondas ou grandes fases de evolução num planeta), para providenciar a onda de vida com as “sementes” certas, de modo a que ela própria se possa manifestar outra vez quando regressar a esta esfera.

Volume 8: Deuses, Mónadas, Átomos-Vida

No volume 8, GdeP mostra como a consciência, ou o lado luz ou natureza é formada por deuses, mónadas e átomos-vida. De novo consistentemente raciocinando do ponto de vista da consciência.

Destes, a palavra Mónada é de facto a mais comum. Como se disse também na segunda proposição fundamental de *A Doutrina Secreta*, cada ser é essencialmente uma “centelha da eternidade”, ou Mónada. Na sua longa jornada evolucionária, estas Mónadas atravessam diferentes fases, expressando cada vez mais o potencial ilimitado. Dependendo da extensão do que eles expressam num certo nível de consciência, falamos, por exemplo, de uma Mónada astral, de uma Mónada animal, de uma Mónada humana, de uma Mónada espiritual ou divina.

O termo “deus” refere-se a uma Mónada que expressa uma consciência divina no mais elevado plano cósmico. Isto pode acontecer num nível inconsciente ou auto-consciente. Quando chega aos deuses do primeiro nível, refere-se a centelhas divinas elementais que estão bem no início da evolução na nossa hierarquia e que são divinas num nível inconsciente. Os deuses do segundo nível são aqueles seres que expressam os estados divinos de consciência completamente auto-conscientes. O termo átomo-vida refere-se a uma Mónada astral que é de facto um raio da Mónada espiritual no plano astral. Esta Mónada astral pode ser vista como a consciência atrás dos átomos físicos de que nos apercebemos. Por outras palavras, os átomos físicos que nós conhecemos da química e da física são os veículos dos átomos-vida.

Se ponderarmos estes conhecimentos acerca de deuses, mónadas ou átomos-vida, descobre-se um grande quadro no qual se vê que todas as manifestações consistem numa cooperação entre consciências de diferentes níveis. As mónadas relativamente mais avançadas, os deuses, dão, por meio de estados intermédios de mónadas de diferentes níveis, existência às relativamente menos avançadas mónadas, os átomos-vida, para eles próprios se desenvolverem. GdeP clarifica outra vez que tudo é essencialmente um com o ilimitado e que tudo na manifestação é relativo. Tal como um deus é um hierarca para muitas consciências que

evoluem dentro da esfera de influência da sua vitalidade, assim somos nós um deus para todos os átomos-vida que evoluem dentro da nossa dominante vitalidade. Ao mesmo tempo, o deus que é o hierarca do nosso Sistema Solar é por seu turno tal como um átomo-vida para um mesmo mais avançado super-deus. E nós somos apenas um dos incontáveis átomos-vida do nosso Sistema Solar. Como em cima, assim em baixo. A Natureza repete-se a si mesma por toda a parte.

A hereditariedade e a causa e cura da doença

Com a introdução aos termos deuses, mónadas e átomos-vida uma quantidade de questões práticas podem agora ser formuladas. Por exemplo, quando é que chega a hereditariedade. Em cada uma das suas encarnações o Ego Reencarnante re-atrai os seus próprios átomos de vida para ele próprio, por meio dos seus pais. Isto mostra imediatamente que no processo de reencarnação nada é acidental e que tudo procede inteiramente através da lei do karma e da lei de causa e efeito. Cada ser que reencarna ele próprio re-atrai as consciências com a qual ele tem colaborado em encarnações anteriores. Se tivesse havido previamente desarmonia naquela cooperação, há então uma chance de que aquela desarmonia tenha o seu efeito durante esta vida sob a forma de uma doença.

Isto mostra imediatamente a causa e a possibilidade de prevenir a doença. Uma vez que a natureza forma um todo cooperante e vivo, todas as formas de egoísmo conduzem à desarmonia. GdeP avisa-nos para não julgarmos aqueles que sofrem de doenças. A causa de uma doença pode ter origem em muitas vidas no passado, e quem poderia dizer acerca de si próprio que é completamente harmonioso e altruísta justamente na presente vida?

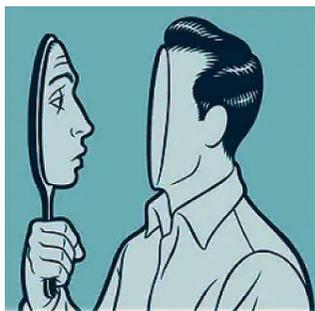
Karma, bom e mau

Com os ensinamentos que indicámos, GdeP mostra acertadamente como a Natureza é realmente tão justa. Não há nada que nos aconteça que não tenha a sua causa nesta ou numa vida passada. Com cada decisão que nós tomamos, cada acção que façamos, sim, mesmo cada pensamento que pensemos, podemos tomar a unidade da vida como um ponto de partida ou assumir o nosso próprio autointeresse ou do nosso meio imediato. As consequências serão de acordo com o motivo e com o acto. O karma não é, portanto, qualquer coisa que esteja fora de nós, Ele é a interacção de todas as expressões de vontades de todos os seres vivos que interagem continuamente uns com os outros.

Isto trás GdeP ao mais importante tópico, que é o do bem e o do mal. Ele esclarece imediatamente que, de acordo com os ensinamentos teosóficos, não haverá qualquer coisa que, *por si*, seja boa ou má. Aquilo a que nós chamamos mal é apenas o resultado das expressões conflituosas das vontades dos seres no seu caminho, na sua jornada evolucionária, para se expressarem eles próprios cada vez mais. Desde que estes seres, incluindo nós próprios, ainda não completaram a sua evolução, as suas acções são sempre imperfeitas e desarmoniosas. O mesmo se aplica ao bem. O que quer que seja, aos nossos olhos, perfeito ou harmonioso, a isso nós chamamos bem. Contudo, partindo da infinita peregrinação que percorrem todas as mónadas, a perfeição fica sempre relativa. Para nós, os deuses são a perfeição do bem, mas para os super-deuses acima deles, a sua bondade fica ainda longe da perfeição. Esta relatividade de conceitos de bom e de mal é uma consequência da premissa da ilimitabilidade. A absoluta perfeição sugeriria que haveria algures um ponto final e GdeP enfatiza que isso não pode acontecer. Citamos o próprio GdeP no final do volume 8:

Eis porque os antigos Livros da Sabedoria afirmam que **AQUILO não é bom nem mau, nem inteligente nem não inteligente; nem vivo nem morto; nem comprido nem curto, nem alto nem baixo. Todos estes são atributos ou coisas limitadas que nós não podemos atribuir à Infinitude Ilimitada. Se fosse comprida, ainda que o seu comprimento fosse vasto, teria que haver um princípio e um fim. Tal como a inteligência, a bondade, o bem, a compaixão, a harmonia – todas estas coisas são atributos ou limitações, se bem que espirituais. ISSO está para além delas todas, abrange-as todas, contem-nas todas. A partir DISSO tudo emana, para ISSO tudo regressa.**

Eu não iria insistir tão frequente e tão intensamente nestes pensamentos, se não estivesse consciente do facto de que eles abrangem questões de alta metafísica, questões de alta filosofia, questões de alta religião, a respeito das quais os nossos representantes teosóficos algum dia terão de abordar. Eles têm que dar conta da nossa sublime Sabedoria para as mentes ansiosas do mundo. Ser-nos-á pedido para explicar as nossas convicções. Não mais para auditórios amáveis tal como nos reunimos nos nossos salões; necessitaremos então de treinar e polir as mentes, intelectos capazes e amplos, homens e mulheres completamente familiarizados com o nosso sublime Pensamento-Sabedoria, de modo a que possa fazer raciocínios na exposição que terão clareza, serão sucintos, e de poder persuasivo para aqueles que vêm até nós e que procuram a luz.



O que é o EU?

Quem eu sou?

Não será essa a questão essencial que podemos colocar a nós próprios, mas talvez também a mais difícil de responder? Este artigo espera providenciar algumas pistas que podem guiar-nos para a resposta.

Frequentemente os estudantes de Teosofia lutam com o conceito de eu inferior e de Eu Superior. Criados com a ideia de que somos um só carácter, as pessoas espantam-se com a ideia de que há dois “eus”. Será que somos ao mesmo tempo um eu inferior e um Eu Superior?

A questão é óbvia. Aliás, se o homem é uma consciência compósita, se o homem é um Eu Superior e um eu inferior, então surge de imediato a questão: “Quem sou eu? Sou um “Eu Superior ou um eu inferior?” Como é que os dois se relacionam um com o outro?

Os ensinamentos sobre a natureza compósita do homem algumas vezes confunde-nos, algumas vezes leva à maravilha. Mesmo para aqueles que estudaram este tema durante anos permanece um mistério.

Um mistério é um enigma insondável para aqueles que não pensam profundamente. No entanto, se continuar a fazer-se essas perguntas, a luz interior comencerá de brilhar cada vez mais. A confusão dá lugar ao maravilhamento. Sente-se ou sabe-se que há muito mais do que não se sabe nada no momento. Mas

estamos também convencidos de que há respostas, mesmo que as não conheçamos agora. Se continua a pensar sem preconceito e calmamente, pondo de lado opiniões pessoais e tentando ser intuitivo, então chegará seguramente mais luz.

Muitos aspectos dentro de nós

Todos nós podemos facilmente observar em nós próprios e nos outros que há muitos aspectos dentro de nós. Virtualmente, ninguém é o mesmo durante todos os tempos. Podemos ter um humor emocional. Algumas vezes desejamos alguma coisa muito fortemente. Noutra altura do dia, estamos absorvidos por um tema intelectual. E talvez quando lemos o jornal pela manhã somos confrontados com o sofrimento no mundo, um impulso para ajudar desperta dentro de nós e decidimos dedicar mais amor e compaixão nas nossas vidas.

Podemos não ser consciente disso, mas somos sempre um outro “eu”. Por outras palavras, estamos sempre a identificar-nos com alguma coisa diferente dentro de nós.

A filosofia e a psicologia ocidentais têm um sistema de conceitos pobre

Pensamentos-chave

- » O ser humano é uma corrente de consciência com numerosos aspectos com os quais nós podemos ou não identificar-nos.
- » Os aspectos suprapessoais fazem-nos viver com o sentido da conectividade, os aspectos pessoais fazem-nos viver com a ideia de que nós somos separados dos outros.
- » O eu não é constante; está sempre a mudar. Ainda que nós nos tornemos sempre nós próprios.
- » Somos relativamente imortais: estamos num processo de crescimento contínuo.
- » O eu inferior é um reflexo do Eu Superior.
- » Podemos escolher que “eu” queremos ser.

à sua disposição. Frequentemente não há palavras para indicar aqueles diferentes aspectos dentro de nós. Falamos de “coração” e “cabeça” em que cabeça nos referimos à nossa razão ou intelecto. Algumas vezes queremos com isto exprimir que estamos constantemente a aborrecer-nos com alguma coisa. Dizemos a alguém que está aborrecido. “Não deve estar com cabeça”. Tudo o que não pertença ao domínio da “cabeça” classificamos convenientemente com a palavra “coração”. Mas o que nós pretendemos expressar com a palavra “coração” na linguagem do dia a dia é um termo colectivo para muito diferentes aspectos.

Se tivéssemos nomes para diversas forças e faculdades dentro da consciência humana, poderíamos ter descoberto antes que “eu” é um termo extremamente vago. Para dar um exemplo: será que alguém é si mesmo quando se comete um acto de cobardia e egoísmo? Ou será que ele é si mesmo quando comete um acto altruísta e compassivo? E é do conhecimento comum que algumas pessoas egoístas podem cometer um acto de compaixão ou, ao contrário, alguém que é habitualmente caridoso comete de repente um acto de cobardia egoísta.

Corrente da consciência

Com o nosso ponto de vista, podem ser explicados muito bem todos estes diferentes aspectos num ser humano com a ajuda da Teosofia. A Teosofia assume que a consciência – vida – opera atrás ou no veículo exterior: o corpo. Se aceitarmos esta ideia como hipótese, emerge o seguinte quadro de um ser humano.

Um ser humano é uma corrente de consciência, que contem muitas faculdades e aspectos, com os quais podemos ou não identificar-nos. Todos aqueles aspectos são as sombras ou reflexos da fonte a partir da qual todo o feixe da consciência flui. Deste modo, o egoísmo, o altruísmo ou características neutras que nós podemos reconhecer em nós próprios e noutros são facetas da consciência que nós somos, mas que actualmente apenas realmente somos quando nos identificamos com um ou mais aspectos. Alguém pode ser um talento musical, mas se não faz nada com ele, se nunca houve música, nunca tem notícia da sua musicalidade dentro dele próprio, então o seu talento musical fica latente e na sua vida diária ele não é absolutamente mais musical.

A fonte donde flui aquela corrente com todos aqueles aspectos chamamos Eu Superior. (Mais tarde insistiremos um pouco mais naquele “Eu”.) Cada ser identifica-se ele próprio com um pacote daquelas características na corrente da consciência. Quando um ser humano se liga a um tal

pacote – diz “eu” a ele – ele fala desse pacote de características como se fosse ele próprio.

Vamos tentar explicar esta ideia com o exemplo da musicalidade; uma vez, uma pessoa tomou conhecimento da sua capacidade musical interior, desenvolveu-a e começou a vivenciá-la e disse para si próprio: “Sou musical”. Ele identificou-se a si próprio com esta capacidade de tal maneira que ele assume ser ela própria. Naturalmente ninguém se identifica a si próprio com uma única característica. Em complemento a ser músico, alguém pode ser também bom em línguas, ser fraterno mas um pouco inocente, etc. Ele fala acerca de todo aquele conjunto de características e habilidades a partir da essencialmente ilimitada corrente da consciência como acerca de si próprio. E porque muitas pessoas, durante apenas num dia, se conectam muitas vezes com aspectos que são diferentes no carácter, as pessoas são frequentemente vasos cheios de contradições; felizes e cheios de boa disposição num momento, agressivas e temperamentais no momento seguinte.

Hierarquia da consciências

Aquelas diferentes qualidades não residem aleatoriamente na corrente da consciência que somos nós. Pelo contrário. Há uma hierarquia de consciência.

O lugar que qualquer ser ocupa na hierarquia é determinado pelo âmbito da consciência. Por outras palavras, quanto mais um aspecto da consciência nos dá uma compreensão mais ampla do processo e carácter da natureza, tanto mais elevado ele está na hierarquia. Assim, um aspecto que nos ajuda a imaginar que a nossa vida está conectada com outros seres e que a nossa vida presente é a continuação e consequência da anterior e um prelúdio para a seguinte, está acima do aspecto que nos leva a viver com o sentimento de que a nossa presente vida está separada de outras. Não se vá sem dizer que quando nós activamos aquele primeiro aspecto dentro de nós temos uma visão mais universal de nós próprios e do mundo do que quando vivíamos no segundo aspecto. Sem entrar em detalhes, podemos chamar suprapessoais aos aspectos mais universais. Por outras palavras, aqueles aspectos suprapessoais ocasionam em nós o sentido de estarmos mais além do que uma personalidade. Vivendo nos aspectos suprapessoais temos consciência de estarmos conectados com outros seres humanos e outros seres. Devemos mesmo experienciar que somos essencialmente um com todos os outros.

Nenhum eu permanente

As pessoas que se identificam com a sua personalidade

não perguntam habitualmente a si próprias quem são. Elas pensam que são o que elas são, e que sempre serão assim. Contudo, se uma pessoa se observar a si própria mais do que superficialmente, poderá saber que o eu está sempre em movimento, sempre mudando. É por causa de uma cegueira mental que nós não nos apercebemos desta simples verdade.

Quando mostramos uma fotografia da nossa primeira classe da escola a outra pessoa, com frequência apontamos para uma das crianças daquela fotografia e dizemos: “Olha, sou eu”. Mas se pensarmos um pouco mais, sabemos que isto não é verdade. Deveria ter dito actualmente: “Olha, era eu”. E mesmo isso ainda é uma verdade relativa porque no quadro apenas vê o exterior, o corpo, e uma criança não se identifica todo o tempo com isso.

Não importa quão jovem seja, quando se olha para trás para a nossa vida, sabe-se que cada nova experiência, cada nova perspectiva, mesmo se muito pequena, faz-nos mudar. Alguma coisa dentro de nós está constantemente a “morrer”, assim como qualquer coisa mais está a “nascer”. Portanto, as experiências nunca podem ser repetidas. Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, disse uma vez Heráclito.⁽¹⁾ Cada vez seguinte que mergulhamos no rio, o rio é diferente e nós mudamos. E isto é verdade para todas as experiências. Cada experiência faz-nos mudar. Assim, o “eu” não é constante. Ele é movimento. De facto, ele reage a outros eus. De facto, ele existe apenas através e por causa dos outros eus nos quais está envolvido num processo incessantemente dinâmico.

Swabhāva

Paradoxalmente, neste incessante processo de mudança nós tornamo-nos nós próprios uma vez e outra vez. Mas estamos a transformar-nos num eu diferente. Este novo eu pode emergir do velho eu – é filho dele – mas é diferente, ainda que tenha mudado apenas uma pequena porção.

O processo contínuo de nos tornarmos nós próprios chama-se swabhāva. Swabhāva significa literalmente “Tornando-se-em-si-mesmo”. Significa que qualquer ser nunca pode tornar-se qualquer coisa mais a não ser naquilo que ele desenvolveu em poderes e capacidades. Nem pode ser menos do que as capacidades que ele desenvolveu. Assim, todas as capacidades e habilidades que desenvolvemos tê-las-emos sempre à disposição em cada subsequente manifestação. Sempre nos tornamos nós próprios.

Mas também quer dizer que todas as faculdades e qualidades latentes que estão dentro de nós – qualidades que nós ainda não desenvolvemos – as desenvolveremos também

no devido tempo. Modelaremos incrivelmente a essência mais profunda que nós somos num processo contínuo.

Imortalidade relativa

Se nos tornamos sempre naquilo que somos interiormente, então o eu não é nada a não ser movimento e mudança. É portanto uma ilusão. E por “ilusão” não queremos dizer que não exista, mas sim que existe por causa de qualquer coisa mais, e portanto, não é durável. É como uma sombra na parede. Ou, nas palavras de um Mestre da Sabedoria e Compaixão:

...Mas o que é o Eu? Só um hóspede passageiro, cujas preocupações são todas como uma miragem no grande deserto ...⁽²⁾

É a imagem de um Eu sempre em mudança e em crescimento, que é difícil compreender para as pessoas que não estão familiarizadas com estas metafísicas. Gautama o Buddha teve uma perspectiva disto. Quando lhe perguntaram se havia um eu não mutável no ser humano, ele ficou em silêncio. Da mesma forma, quando lhe perguntaram se não há um “eu” imutável no homem, ele também se calou. Mais tarde ele explicou aos seus discípulos iniciados que não deu resposta a nenhuma pergunta para não dar causa a incompreensões. Se dizemos que existe um eu imutável no ser humano, pensaremos que existe algo dentro dele que fica eternamente o mesmo, o que não é verdade. Se se diz que não há um eu imutável dentro de nós, pode pensar que com a morte do corpo a nossa autoconsciência cessa de existir, o que também não é verdade.⁽³⁾

A realidade é que há ALGO, que é a fonte de todos os nossos eus, de todas as nossas capacidades, de todas as nossas características. E a partir dessa fonte nós movemo-nos constantemente, de modo a que, sem que haja um só momento de imobilidade, nos vamos de uma fase a outra. Somos imortais nesta mutabilidade. Absoluta imortalidade quer dizer que o nosso eu nunca muda. Então nós teríamos alcançado um ponto final. Contudo, não há pontos finais. Há a ilimitabilidade. Nós somos relativamente imortais. Isto quer dizer que sem um absoluto começo ou sem um ponto final absoluto, nós estamos num processo de constante movimento, nunca parando o movimento ou a mudança. Se não há nada, nada pode mudar. Nós estamos no coração dos nossos corações este ALGO. Este ALGO é a mais profunda coisa dentro de nós. É uma centelha da ilimitada eternidade.

O Ser Mais Elevado

Gerações de místicos tentaram compreender esta ALGO. Eles sabiam que nele estava para ser achada a chave que abre o portão de todos os mistérios da vida. Naquele ALGO está para ser encontrada a resposta para a origem da vida, para o significado da vida e para onde em última análise gira tudo.

Os homens tentaram dar um nome àquela ALGO. Um fala de *Ātman*, *Paramātman*, a *Mónada*, o deus interior, o Eu Superior. O nome, contudo, não é importante. O importante é pensar que nós estamos a lidar com um Essência divina, pura consciência. O Eu Superior tem estado sempre lá, estará sempre lá, e é ele próprio essencialmente ilimitado.

A consciência pura é a mesma em cada ser. Ao contrário do ego, ele não se expressa como “Eu sou Eu”, mas sim como “Eu sou”. Isto é um estado que, para nós, é quase impossível imaginar, habituados que estamos a identificarmo-nos com o nosso eu ilusório. Uma vez que o Eu Superior não tem consciência egoica, parece às nossas mentes limitadas que isso é inconsciência. Isto pode ser comparado à criança que olha para o seu pai que está a ler e pensa que ele não está a fazer nada, enquanto na sua mente o seu pai está a viajar em aventuras com o herói do livro que ele está a ler.

Embora tenhamos pouca ou nenhuma ideia disso, nós somos o Eu Superior. Nós somos o ilimitado. *TAT TWAM ASI*, diz a sabedoria dos Upanixades, os livros sagrados da Índia. *Thou Art That* (Tu és Aquilo). Você é o Ilimitado.

Nós somos o Eu Superior, mas nós estamos primariamente a expressar o que se pode chamar a sua irradiação ou emanação. Essas emanações são os egos. É com tal emanação, que tem uma certa característica, que tem uma certa cor, com o qual alguém se identifica. É a consciência desenvolvida de um ser. É o que saiu do Eu Superior, que foi “desempacotado”, que foi trazido para a actividade.

Cada ego é a consciência reflectida. Tem as suas próprias características individualizadas. Os Egos vêem-se a si próprios como separados. Não percebem, ou percebem apenas parcialmente, que são um resultado do, e portanto na sua essência, são o Eu Superior, tal como um raio do sol é esse mesmo sol.

O eu inferior

A consciência reflectida com a qual a maior parte das pessoas se identificam é o eu inferior. Deste modo, o eu inferior flui do Eu Superior. É chamada a personalidade. Essa

palavra, que vem do latim “*persona*”, a qual é, por sua vez, derivada de *personare*, ou seja: “soar através de”. Quer dizer: atrás da pessoa está qualquer coisa, que ressoa através da pessoa. Por isso apanhou o significado de máscara. Ao fim e ao cabo, atrás dele esconde-se a “verdadeira voz”. Outrora os actores usavam uma máscara que correspondia ao papel que eles representavam no drama.

É precisamente este “status” que o eu inferior tem. Ele é o papel no plano externo, o transmissor das forças que actuam atrás dele. Emergindo do *Ātman* ou do Eu Superior, o raio átomico brilha para o eu inferior, apesar de extremamente fraco. Isto é por causa de ele estar velado. Estes véus são formados pelos pensamentos e sentimentos que estão directamente à volta do mundo externo e que são a causa de o eu inferior viver na ilusão de que está separado dos outros. A mente que toma o mundo exterior como única realidade é o grande obstáculo para ver o que nós somos realmente.

O eu inferior é um reflexo do Eu Superior. Ou, mais rigorosamente, é um reflexo de um reflexo de um reflexo. Na hierarquia da consciência, há reflexos do Eu Superior que reflecte com muito mais pureza o fluxo de consciência divina, e que, portanto, as canaliza para áreas menos elevadas. Em comparação, devemos chamar ao Eu Superior um sol dourado, um raio daquilo que está reflectido na terra por um objecto dourado para um objecto de prata. Este objecto de prata reflecte o mesmo raio de sol para um objecto de cobre. Trata-se do mesmo raio solar, mas o seu brilho está diminuído.

De qualquer forma, o eu inferior é uma consciência reflectida. É o “hóspede temporário”, como o Mestre de Sabedoria e Compaixão lhe chama, cuja realidade é como uma miragem no deserto.

Todas as características pessoais, que nós pensamos que somos, são como os “preocupações” do nosso eu inferior. Elas não são nada mais do que imagens mentais que nós formamos e com as quais nos identificamos. Atribuímos-lhes demasiada importância, enquanto elas são apenas sombras, uma miragem.

Para dar um exemplo, quando nós dizemos “estou feliz”, nós estamos tomando uma imagem mental por uma realidade. Acreditamos que esta felicidade seja uma realidade. Acreditamos que esta felicidade é a realidade. De facto, deveríamos dizer: “Eu experimento uma felicidade”. Da mesma forma, podemos dizer: “Sou um engenheiro, um faxineiro, sou brasileiro ou alemão”, mas actualmente deveríamos dizer: “Estou a representar o papel de engenheiro, de faxineiro, de brasileiro ou de alemão.”

Qualidade do eu inferior

O eu inferior é mau? Está naturalmente inclinado para o mal?

Não, certamente não. Procedendo do Eu Superior, ele tem certamente nele tudo o que o Eu Superior também possui. Só que quando ele se afasta da fonte donde nasceu e, portanto, se destaca do resto da vida, chega o egoísmo: uma focagem, uma completa identificação com a sua própria consciência limitada.

Deveríamos usar o nosso eu inferior como a sua função na hierarquia da consciência dita: um veículo que nos serve para tornar-se consciência universal. Nós devíamos portanto aprender a concebê-lo como um instrumento. Ele é o hóspede temporário, transitório, mas alguma coisa que nos pode fazer realizar aquilo que nós somos realmente.

A questão é quantos muito mais hóspedes temporários temos de receber, ou quantos mais “papeis” temos que desempenhar antes de realizar que nós somos mais do que estamos a manifestar agora. Por outras palavras, quantas vidas necessitaremos para ver através da ilusão da vida exterior? À medida em que compreendamos a natureza essencial destes “eus” ilusórios chegaremos mais perto do Eu Superior. Então libertamo-nos nós próprios do sentido de separatividade e aprendemos a descobrir que o Eu dentro de nós é o mesmo que está dentro de outro ser.

Qual o “eu” que vamos escolher?

Depois destas considerações, talvez o leitor ainda sinta que não recebeu uma resposta à questão de saber se ele é o eu inferior ou o Eu Superior e se o Eu Superior é qualquer coisa diferente do que ele é agora.

No entanto, uma resposta absoluta a essa questão não pode ser dada. Afinal, isso depende do quanto um ser humano individual expressa os aspectos interiores na corrente da consciência que ele é.

Não é por nada que a mensagem de todos os Mestres da Humanidade podem ser resumidas no conselho que nos soa tão simples mas que é tão difícil de realizar na prática: homem, conhece-te a ti mesmo.

Portanto, vamos tentar responder a estas questões de forma sumária e tão concretamente quanto possível.

Se há uma unidade essencial interligando tudo quanto existe, então todos os seres são fundamentalmente iguais. Portanto, nós somos também o nosso Eu Superior. Se o expressamos é outra questão. Mas mesmo se o não fazemos, nós ainda o somos exactamente da mesma forma que a bolota é potencialmente a árvore gigante carvalho.

Mas se nós pensarmos que o nosso eu não é mais do que

nós somos agora, então o nosso Eu Superior é outra coisa. Então limitamo-nos a ser um ser separado, um que se imagina aparte dos outros e cujos contornos são como uma miragem no deserto da vida exterior. Não apenas fabricamos o nosso próprio eu, mas também fabricamos a nossa própria verdade. Deste modo, se reconhecemos a nossa personalidade como a única verdade, não somos o nosso Eu Superior.

Mas podemos também fazer uma escolha diferente. Portanto, pensemos na universalidade do nosso Eu Superior. Foque o seu pensamento nisso e transformar-se-á nisso. Podemos fazer essa escolha.

O homem é um mistério. Tem tudo dentro dele. Ou, para pôr isso nas palavras de Giovanni Pico della Mirandola:

Para nós é concedido o poder de nos degradarmos a nós próprios nas mais baixas formas de vida, os animais, e a nós é concedido o poder, contido no nosso intelecto e julgamento, de renascer numa forma elevada, a divina.⁽⁴⁾

Se nós quisermos, podemos ser o nosso Eu Superior.

Referências

1. Platão, *Cratílus*, 402a.
2. *Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett*, Carta 47, p. 214, Editoria Teosófica, Brasília-DF (A.T. Barker (ed.)).
3. *Ananda Sūtra*, véase: <https://www.transcend.org/tms/2021/08/ananda-sutta-on-self-no-self-and-not-self/>.
4. Pico della Mirandola, *Oração à Dignidade do Homem (De hominis dignitate)*.



A finalidade dos objetivos

Swabhāva: os objetivos reais vêm de dentro

A vida está cheia deles: objetivos. Há objetivos na escola, nos alvos do nosso trabalho, objetivos do governo, Nações Unidas, “Objectivo do Desenvolvimento Sustentável”, e objetivos na vida. Podemos passar toda a nossa vida perseguindo objetivos. Mas será realmente essa a questão? E são todos esses objetivos diferentes? De qualquer modo, o que são objetivos e qual é a sua finalidade? Uma análise teosófica.

Pensamentos-chave

- » Tudo na natureza tem um propósito. Em termos teosóficos, falamos de Swabhāva. Em última análise, a finalidade de tudo é contribuir para o todo.
- » Se nós não vemos ou reconhecemos a finalidade de alguma coisa ou de alguém, tendemos a impor os nossos próprios objetivos ou finalidades.
- » Por causa da ignorância do objectivo verdadeiro, as pessoas muitas vezes erram um meio para atingir um fim.
- » Os objetivos podem ajudar a direcção da nossa vida, desde que eles sejam unificadores e possam interiorizá-los.
- » Não lute pelos seus objetivos, mas viva-os.

Unidade na diversidade

O que é que a Teosofia diz acerca da finalidade? A Teosofia tem três ideias básicas: Ilimitação, ciclicidade e identidade fundamental de toda a vida. As conclusões desta ideias são de longo alcance. Elas não só explicam, mas também guiam. Como a conclusão de que toda a vida é essencialmente una. Cada ser tem o mesmo potencial ilimitado. Tudo está vivo. E cada ser aprende a realizar mais e mais a unidade em estreita colaboração com os outros seres. Outra conclusão é que há unidade na diversidade. Isto quer dizer que cada ser tem uma certa finalidade na relação com o todo. Cada ser tem uma característica única para apoiar o todo. Ele é uma “entidade necessária”, mas só na medida em que ele serve o todo, para parafrasear Katherine Tingley.⁽¹⁾

Natureza carregada de propósitos

Segundo a Teosofia, a natureza está carregada de propósitos Não há nada

que não tenha um propósito. Tudo está vivo e contribui para tudo o mais. Tal como cada célula do nosso corpo tem a sua função, assim cada reino natural tem uma função na terra, ou assim também cada planeta funciona como um órgão do nosso sistema solar. Como em cima, assim é em baixo. Esta finalidade ou função não está predeterminada, predestinada ou precisamente definida, mas qualquer coisa que é inata dentro do Ser mais profundo de cada ser e para o qual ele está continuamente expressando-se.

Swabhāva: a “intenção” natural de cada ser

Aqui podemos referir especificamente o ensinamento teosófico acerca de Swabhāva. Trata-se de uma palavra sânscrita que pode ser traduzida por “Tornando-se-em-si-mesmo”. Tem dois significados.

O primeiro é auto-realização ou auto-geração. Isto quer dizer que nós não somos levados para diante por alguma

coisa exterior a nós próprios por uma via aleatória mecânica ou pela criação de um deus ou deuses. Nós desenvolvemo-nos a nós próprios a partir de dentro, baseados numa força e numa vontade interiores que estão dentro de nós.

O segundo significado quer dizer isto: que cada ser se transforma naquilo que ele próprio é na sua mais elevada natureza espiritual. Isto refere-se a um certo carácter único. Uma rosa transforma-se numa rosa e não num cardo ou numa tulipa. O Swabháva traz consigo o que ele é na sua essencial natureza interior ou característica.

Esta única característica ou finalidade não é meramente alguma coisa individual que está separada de todas as outras formas de vida. Ou melhor, o objectivo está expresso na sua relação com o todo. A antiga Índia falava do conceito de *Dharma*, que pode ser traduzido por “dever” e “lei” e que provem da raiz *dhri*, significando “apoiar”, “suportar”, “carregar”. E, segundo Platão, tudo existe para benefício de alguma coisa mais e, em última análise, para benefício do todo:

Eu considero todos os ingredientes, tal como todas as ferramentas e bem geralmente todos os materiais, estão todos fornecidos para o bem de algum processo de geração. Eu ainda mantenho que qualquer processo de geração por sua vez sempre ocorre para o bem de algum particular ser, e que todas as gerações tomadas em conjunto ocorrem para o bem do ser como um todo.⁽²⁾

Assim, em última análise, humanamente concebidas, as ferramentas e os materiais servem para servir outros, e em última análise o todo. Uma ferramenta como um garfo é uma ferramenta com a finalidade de nos permitir comer com ele. Comer é um “processo de geração” do nosso corpo. E o nosso corpo está aí como um veículo para nós como seres humanos. E a nossa singularidade está expressa no nosso relacionamento com outros e com o grande todo do qual fazemos parte. Platão também define justiça como o grau para o qual cada um pode contribuir com a sua única função ou finalidade para o benefício do todo. O sapateiro faz sapatos, o professor ensina, o capitão conduz o navio. Por este caminho, cada um recebe exactamente o que precisa: porque na República de Platão o resultado de cada trabalho é também distribuído equitativamente por todos.⁽³⁾

Um objectivo não é estático

Agora isto pode ser um pouco atraente. Todos estão então condenados a cumprir o seu propósito e nada mais. Suponhamos que somos bons a fabricar sapatos,

queremos ser sapateiros para o resto das nossas vidas?

Esse medo é infundado se considerarmos três pontos. Primeiro, Platão descreve a cidade-estado na qual o objectivo não é a felicidade individual mas a de toda a República. E se todos os membros individuais da República que são uma parte inseparável e se estão sempre a trabalhar para e com cada um, então nada os fará mais felizes do que fazer o que eles podem para benefício do todo.

Segundo, uma vida não pode estar limitada ao trabalho que fazemos para a prosperidade material do estado. Um ser humano é uma alma estudante, que pode prestar uma activa contribuição em muitas áreas da vida. Os exemplos de profissões acima indicam apenas um único aspecto. O objectivo de um ser humano transcende a sua profissão. Para mais, se o trabalho no estado está centrado no cumprimento das necessidades básicas, sobra muito tempo para desenvolver mais amplamente como ser humano os níveis mental e espiritual.

Terceiro, um objectivo nunca é alguma coisa estática. Pode sempre ampliar e aprofundar. Ampliamos o nosso objectivo olhando para um objectivo maior e fazendo o que é necessário na altura certa. Tal como um bom jogador de uma equipa ajuda na defesa embora ele tenha sido destacado como jogador ofensivo. E aprofundamos o nosso propósito não apenas fazendo o que é esperado, mas conectando com a intenção subjacente. Tal como um artesão continua sempre a descobrir como podem ser feitas melhor as coisas com o propósito de fazer melhor serviço para o seu próximo. Um bom exemplo é uma empresa que faz degraus. Eles não se apresentam eles próprios como um fabricante de degraus, mas é uma empresa cujo objectivo é transportar pessoas de um lugar para outro. Para cumprir este objectivo, ele aperfeiçoa degraus, mas também elevadores ou outros meios de subir.

Como encontrar o seu objectivo

O nosso “objectivo” não está predestinado ou determinado ou descrito a partir do exterior. Apenas podemos pensá-lo a partir de dentro. Não se trata de uma coisa fixa, mas de qualquer coisa que nós podemos experienciar cada vez mais profundamente à medida que evoluímos como consciência e nos transformamos no nosso Eu. E estamos a escrever Eu com letra maiúscula com o propósito de distinguir o Eu universal do nosso eu pessoal. O Eu que na sua essência é a força ilimitada ou fonte trabalhando através ou atrás de cada ser. E que de facto é a essência de cada ser.

Cada ser humano tem dois motivos para fazer alguma coisa: fazemos alguma coisa para nós próprios e agimos

egoistamente ou fazemos alguma coisa para o todo e agimos altruistamente. Partindo da unidade na natureza, podemos compreender melhor o nosso propósito se nós ampliamos a nossa consciência. O paradoxo é que nós temos mais hipóteses de conseguir isso limitando ou disciplinando a vontade do nosso próprio eu pessoal. Porque quando nós estamos apenas ligados ao nosso próprio autointeresse, estreitamos a nossa visão. Não vemos mais o que é necessário e qual é o nosso lugar no todo. Por outras palavras, é através do esquecimento do nosso eu que nós encontramos o nosso Eu, o Eu universal que é também o Eu essencial de cada uma das outras pessoas.

Objectivos e propósitos em prática

Vamos regressar ao nosso tema principal: objectivos. Começamos por parar para considerar que objectivos são. Um objectivo é descrito, entre outras coisas, por um certo alvo: um resultado, um ponto final. Nos desportos, um objectivo pode ser um resultado, tal como no futebol, no hóquei ou no golf. O objectivo pode ser também um ponto final, tal como atingir o topo de uma montanha que se trepa, ou atravessar a linha de chegada da maratona. Ou pode ser um resultado. Ganhar marcando mais golos do que o oponente, por exemplo, ou sendo o mais rápido numa corrida.

Um objectivo pode ser também qualquer coisa pela qual se luta. Por exemplo, passeando pelo menos uma hora por dia, ou levantar-se cedo, ou ler um livro. Muitas vezes estas finalidades escondem outros fins, como perder peso, seguir um estudo ou um objectivo ou finalidade para dar direcção às nossas actividades, ampliando os nossos interesses.

Formulamos um objectivo ou aspiração para dar direcção às nossas acções ou para dar a nós próprios um certo desafio. Trata-se da expressão de um certo desejo, de qualquer coisa que nós queremos atingir.

A nossa visão das finalidades influenciam-nos como nós perseguimos os objectivos. Assumimos que há propósitos na natureza, que em última análise beneficiam o todo, e de que derivam os nossos objectivos baseados naquela visão? Ou muito limitados na natureza; por exemplo, a sobrevivência ou a manutenção das nossas espécies? Na nossa corrente sociedade geralmente assumimos o último, e a doutrina teosófica da Swabhāva é ainda desconhecida para muitas pessoas. Porque este conceito é desconhecido, geralmente as pessoas não seguem objectivos baseados em grandes finalidades da Natureza, mas em lugar disso inventaram objectivos na vida justamente para eles próprios.

Aparece então uma armadilha que consiste em perseguir objectivos baseados em autointeresses ou, na melhor das hipóteses, em perspectivas limitadas. Ao proceder assim, ignoramos as nossas próprias finalidades, outros, as nossas organizações, importantes funções sociais e mesmo a função do estado como um todo. Daremos alguns exemplos.

O “crocodilo roxo”

Uma mãe chega à recepção de uma piscina com a sua filha. A rapariga tinha perdido o seu crocodilo roxo insuflável. Para sua satisfação, a mãe e a filha viram que o crocodilo estava encostado à parede atrás do recepcionista. A mãe perguntou-lhe se ele não se importava de lhes devolver o crocodilo, O homem grosseiro voltou-se para o crocodilo mas, em vez de lhes dar, entregou-lhes um formulário. Insistiu que primeiro teria de preencher o papel em duplicado e voltar no dia a seguir a um certo departamento entre as 9 e as 10 horas da manhã. “Mas o crocodilo está ali!”, disse a mãe. “Sim, ele está ali”, disse ele, mas sem fazer mais nada.

Desde 2004 que, na propaganda holandesa, a expressão “crocodilo roxo” ganhou fama. Em inglês estas formas de redundância burocrática são descritas como “red tape” (fita vermelha). É um exemplo gritante do que acontece em muitas organizações. A atenção é desviada do propósito original – para estar ao serviço do todo, de uma maneira ou de outra – para os processos internos ou regras de uma organização.

“Organização desviada”

Isto é visível em muitas organizações. Elas perdem a perspectiva do seu objectivo. Em ordem a controlar o mundo vivo variável, na realização do seu objectivo – acrescentando valor para os seus clientes – criaram um sistema com regras, processos e fórmulas. Este sistema absorve cada vez mais atenção. São os números correctos? Estão os protocolos a ser bem cumpridos? Estamos a atingir os nossos alvos? O propósito original está a tornar-se cada vez mais fora do horizonte. Os meios foram promovidos aos próprios fins.

Os meios transformam-se em fins

Se temos uma perspectiva ampla, veremos que em muitas áreas os meios são confundidos com os fins, por falta de percepção dos propósitos.

As empresas têm o seu foco nas metas, lucros e no valor dos acionistas, em vez de acrescentar valor aos seus clientes. Os fabricantes não fazem mais produtos de melhor qualidade, mas produtos que *parecem* ser de melhor qualidade.

Os produtos são fabricados com o mínimo de custo e vendidos ao mais alto preço. O cliente não é mais o foco. Algumas vezes o próprio cliente tornou-se o produto, por exemplo, porque as empresas ganham dinheiro a partir dos restos de informação que o cliente, por desconhecimento, deixa atrás de si.

Na educação, o foco das escolas reside nas percentagens de sucesso, os pais enviam os seus filhos para treinarem exames e os estudantes estudam apenas para passar nos testes. A discussão acerca do que seja uma boa educação tornou-se marginal.

Os hospitais são (parcialmente) financiados baseados no número de operações. As instalações de saúde seleccionam os clientes entre quem possa pagar mais dinheiro. Será que isto fará realmente as pessoas mais saudáveis?

Usamos o crescimento do produto doméstico bruto como uma medida da prosperidade de um país, e os partidos políticos governam com as próximas eleições em mente, implementando políticas que ajudam à sua popularidade. Será que isto contribui para o bem estar de todos?

Em todos estes exemplos, os meios são elevados à condição de fins e os objectivos originais perderam-se de vista. Números abstratos, que indicam volumes de negócios, lucros ou taxas de sucesso, obscurecem o propósito real. Na verdade, estes números servem como meios de representar “progresso” em alguma coisa. O que seja essa “qualquer” coisa a maior parte das pessoas esqueceu, mas eles lutam por esses números. Os meios tornaram-se fins e as pessoas tornaram-se meios. Tornaram-se subservientes ao sistema – seja uma organização, um sector ou estado, ao invés do contrário. E por fim o sistema que nós criámos para nos servir a nós próprios pode alienar-nos até ao ponto em que começámos a lutar uns contra os outros, tal como o capitalismo contra o socialismo ou o sector privado contra o sector público.

Porque é que os meios se transformaram em fin Ignorância

Qual é a causa disto? É a falta de compreensão das finalidades que existem na natureza, uma falta de conhecimento acerca de Swabhāva. E que é por seu turno o esteio da ignorância da unidade de toda a vida, na qual tudo, em última análise, serve a tudo o mais. Tal como cada célula do corpo tem a sua função. Por outras palavras, se não olhamos para a vida a partir do facto da interconectividade, não se assume em absoluto que tudo tem um propósito. Pode então rapidamente errar certas ideias sobre a realidade, tal como pensar que a educação serve para atingir um grau académico

e o objectivo da vida consiste em acumular posses. Os alvos facilmente mensuráveis que chamam a atenção no curto prazo chamam logo a atenção. Eles tornam-se os nossos objectivos.

Em aditamento, o egoísmo espreita. Os objectivos e os resultados são expressões do desejo. E se esse desejo é directamente em benefício de si próprio, ou de uma pessoa só ou apenas de um grupo, então isso chega às expensas do todo.

Desconfiança

Focando-se nos nossos próprios objectivos (faz-de-conta) em vez de finalidades, falhamos também no reconhecimento e conhecimento das finalidades dos outros. Ficamos então mais propensos à desconfiança. Como sabemos se alguém ou alguma organização está a satisfazer bem a sua função? Passaremos então a impor modelos superficiais ou objectivos aos outros. Pensamos que os professores deviam encontrar um padrão de horas, fazer com que o pessoal de saúde descreva o que faz até ao minuto e dar aos funcionários públicos alvos para prevenir a fraude. Já não há mais uma profissão que não esteja expressa em termos de dinheiro ou tempo.

Isto é o contrário do significado da palavra “profissional”, que provem da palavra latina “professio”: “faço um voto”. Pense nos votos ou juramentos efectuados pelos médicos, funcionários públicos e advogados, por exemplo. Eles prometem explicitamente servir o todo e portanto merecem confiança.

Além disso, as investigações têm mostrado que as medidas relacionadas com as acções e comportamentos humanos são contraproducentes.⁽⁴⁾ Por exemplo, pode usar-se uma nota média como medida para ver como é que as escolas se estão comportando. Mas uma vez esta medida tornada conhecida, as escolas podem começar a focar o seu ensino elevando as notas. Em vez de uma nota como meio de indicativo ou orientação para o progresso do ensino, uma nota elevada transforma-se num fim em si próprio. Chegado a este ponto, a medida perde o seu valor. Em resumo, uma vez tomada a medida como objectivo, deixa de ser uma boa medida.⁽⁵⁾

É também referido como “efeito-cobra”. Este termo é baseado numa história dos britânicos que, durante o período colonial na Índia, queriam combater o crescimento do número de cobras. Para isso, ofereceram uma recompensa por cada cobra morta. Isto teve um bom resultado inicial, até que as pessoas começaram a reproduzir cobras quando passaram a ver a recompensa como uma forma

de ganhar dinheiro. Quando os britânicos viram isto, pararam com a recompensa. Os criadores de cobras abandonaram-nas, o que levou a um aumento muito maior de cobras do que antes.

Transportando este exemplo para as notas; se usamos uma nota média como indicativo da actuação da escola, não é inconcebível que sejam atribuídas notas mais elevadas – consciente ou inconscientemente. Se então se verificar que progrediu uma nota média ou que ficou na mesma, a qualidade parece ter aumentado ou ficado na mesma, quando na realidade ela declinou.

Os objectivos são meios!

Não há em absoluto na natureza pontos finais no que respeita à medida dos reais objectivos, que na essência é infinita. A Natureza mostra sempre crescimento. Há pontos finais relativos, no entanto. São pontos de paragem, pontos em que entram outros níveis de consciência, tais como o sono, a morte, ou o nascimento. Contudo, não há nada mais do que picos e vales no infinito movimento cíclico em espiral que, nós, como consciência, atravessamos. Os objectivos como metas ou como expressões de um particular esforço são concebidos por nós humanos para providenciar uma direcção. Isto significa que estes objectivos são actualmente meios! São meios atrás dos quais há um fim mais elevado, e ultimamente um objectivo subjacente. Assim, faz sentido serem estes objectivos como metas ou desejos mensuráveis? Sim, eles podem realmente ajudar como meios para dar direcção. Abaixo indicamos dois critérios.

Em direcção a objectivos significativos

Como acima se descreveu, os verdadeiros objectivos vêm de dentro. Podemos realizar incrivelmente este Swabhāva virando-nos para dentro e conservando simultaneamente a perspectiva de um todo maior, vendo coerência, formando compreensão, e tomando portanto o nosso lugar dentro daquele todo. Isso também significa que nós construímos a nossa personalidade, o nosso autointeresse, servidor daquele todo maior para um objectivo mais amplo. Os propósitos podem ajudar a isto. Eles ajudam-nos, por exemplo, a desenvolver mais disciplina. Por exemplo, se nós nos esforçamos por nos levantarmos cedo cada manhã para arranjar tempo para estudar, praticar desporto ou cumprir algum outro dever. Levantar-se cedo não é então um fim em si mesmo, mas um meio para se desenvolver a si próprio. E desenvolvemo-nos a nós próprios para prestar ao todo outra vez um serviço melhor.

Assim, seguindo o mecanismo de Swabhāva, ou finalidade, há dois critérios para testar um objectivo ou uma meta para prevenir que possa perder a visão do fim em vista.

1. Será que o propósito é visto à luz do objectivo, uma contribuição para o grande todo? Ou, por outras palavras, será que ele trabalha em direcção à unidade?
2. Será que o propósito nos motiva agora e continua a actuar no futuro, de modo a que se torne parte de nós próprios? Ou, por outras palavras, podemos interiorizá-lo?

Será que o propósito trabalha numa perspectiva unificadora?

Cada propósito de qualquer coisa existe para servir alguma coisa mais. Que é mais amplo ou maior do que alguma coisa em particular. Isto é verdade para um indivíduo, uma organização, ou um estado. E, partindo da conectividade que é inerente na natureza o propósito real de qualquer ser ou grupo é, em última análise, servir o todo.⁽⁶⁾

Assim, um propósito deve ser sempre visto à luz da sua finalidade. Um propósito que está apenas destinado a uma só pessoa ou um só grupo, tal como “Eu quero ser o melhor...”, “...primeiro a nossa família...”, “...ou o nosso país primeiro...” afasta-nos mais da finalidade do que se aproxima. Baseado num tal propósito limitado, outros estão competindo novamente, lutado ou subjugado, resultando em mais endurecimento e separação. Um círculo vicioso, que pode encorajar outros a seguir o mesmo comportamento. O mesmo é verdade para os objectivos que resultam da desconfiança em relação aos outros. Colhemos aquilo que semeamos.

Objectivos tais como “O Objectivo do Desenvolvimento Sustentável” das Nações Unidas – que inclui a diminuição da pobreza, da fome ou desigualdade, e o de promover a sustentabilidade, a paz e a justiça para todos⁽⁷⁾ – une mais do que divide. Eles são a formulação de um ideal compartilhado, não exclui ninguém, nem evocam desejo egoísta nem desconfiança.

Mas será que os objectivos nos inspiram, se nós os compartilhamos? Não se tornarão muito aborrecidos e uniformes? Não acabaremos numa espécie de regime totalitário no qual cada desvio é punido à luz do grande ideal compartilhado? Não será o caso se os objectivos deixarem espaço para o carácter ou intenção de cada um. E isto traz-nos para o segundo critério: até que ponto os objectivos estimulam o nosso desenvolvimento interior?

Pode interiorizar-se o objectivo?

A verdadeira motivação é intrínseca, ela vem sempre de dentro. Outra pessoa pode inspirar ou “pressioná-lo” a fazer qualquer coisa, como um treinador. Mas não pode realmente motivar-nos se não vemos o objectivo.

Estamos a falar da distinção entre o nosso eu pessoal ou eu inferior e o nosso Eu suprapessoal ou mais Eu Superior. Se nos identificamos com o nosso eu pessoal, acreditamos que somos separados dos outros. Se nos identificamos com Eu superior ou universal então pensaremos a partir do todo.

Os objectivos unificadores podem ser dirigidos em dois sentidos. Análogos a estas duas partes em nós próprios. Eles podem ser destinados a disciplinar a nossa natureza inferior de modo a aprender a pôr de lado o nosso interesse pessoal e portanto dar-nos maior espaço para o bem comum. Por exemplo, pense levantar-se cedo para ganhar tempo, fazer exercício físico para ficar saudável, ou praticar a paciência quando se acha a si próprio a querer reagir emocionalmente a alguma coisa. Por outro lado, os objectivos podem também apelar à nossa natureza superior, tal como desenvolver a sabedoria, a compaixão, e uma atitude pacífica. Um objectivo ou aspiração ajuda, se ele nos inspira a agir e continua a agir sobre ele. E porque, como consciência, estamos sempre a aprender e a crescer, isso ajuda a formular estes propósitos não em absoluto, mas de uma forma relativa, e relacioná-los, não com um ponto fixo, mas com um processo, muitas vezes indicado como um verbo. Assim, por exemplo, em vez de falar de “a maior” organização, a “mais rápida” pessoa, ou “o mais forte” estado, pode falar duma visão “maior”, “mais forte”, ou consciencia ou acção “certa”. Formulada desta maneira, pode ser verdade para cada um em qualquer nível e continua a ser verdadeira, porque pode ser interiorizada cada vez mais.

Um exemplo disto são os oito caminhos do desenvolvimento do Budismo que falam do “recto esforço”, da “recta acção”, da “recta fala”, etc. Ou os cinco objectivos da Sociedade Teosófica de Point Loma onde, entre outras coisas, se trata de promover um conhecimento acerca da essencial unidade de tudo o que existe, e construir uma activa fraternidade entre os seres humanos.⁽⁸⁾

Estas formulações fazem-nos olhar para o interior de nós, porque podemos sempre ficar a pensar “o que é que é justo?” ou “como é que formamos uma fraternidade?” Uma formulação relativa previne-nos de colocar uma aspiração fora de nós próprios, no sentido de: “uma vez tinha aquele emprego, ou uma vez tínhamos

aquele governo, ou uma vez alcancei aquele nível, então vou focar-me em...”, etc. Nós próprios somos tolos se queremos um mundo sustentável, mas não nos queremos mudar a nós próprios enquanto os outros não forem “sustentáveis”. Um objectivo significativo leva-nos a moldá-lo agora, sem condições prévias. Começar agora e então remar com os remos que temos. Como o Dalai Lama parece uma vez ter dito, quando lhe foi perguntado se ele conseguiria levar a China a reconhecer o Tibete, “Faremos isso com um chinês de cada vez”.

O ponto principal é que não devemos lutar por objectivos, mas sim vivê-los.

O fim nunca justifica os meios

A partir do que se disse atrás também fica claro porque é que o fim nunca justifica os meios. Não podemos unir através da separação, mesmo se se está a separar uma pequena parte. Mesmo pensando que pode haver pessoas que se viram contra a unidade ou dão prioridade aos seus próprios interesses, nunca deverá levá-los permanentemente para o bom caminho por meio da luta, do aprisionamento, da punição. Tais acções nunca tornaram ninguém uma pessoa melhor. Dando um bom exemplo você mesmo, enquanto procura as melhores vias para acordar o Eu Superior na outra pessoa, se ou não em combinação com o disciplinar o eu inferior, ajudamos realmente a outra pessoa a encontrar os seus propósitos uma vez mais.

E absolutamente nenhuma forma de separação ajuda a unir, nem colocando alguma coisa fora de si próprio ajuda a interiorizar algo. Suponhamos, por exemplo, que nos dá um impulso para comer alguma coisa saborosa antes de ir para o trabalho. Colocamos então a solução num problema emocional – temendo começar o nosso trabalho – não dentro de si próprio, mas fora de si próprio. Esperamos encontrar a nossa motivação nos doces. Por outro lado, portanto, negligenciamos a oportunidade que esta situação oferece para reconectar o propósito do nosso trabalho, do ideal que perseguimos. E por outro lado acrescentamos outro problema: o crescimento da dependência de qualquer coisa externa. Fortalecemos então a nossa parte pessoal ao fazer isso. Em resultado disso, só se torna mais difícil libertarmo-nos disso, ou prevenir a nossa personalidade de exigir teimosamente a sua atenção noutras alturas. A propósito, a solução não reside em implementar uma extrema disciplina na nossa natureza mais baixa, por exemplo, praticar práticas ascéticas, tais como a de comer quase nada. Porque assim estamos a colocar o problema fora de nós próprios. Isto pode actualmente aumentar o foco na parte mais baixa.

Assim, os meios e os fins que usamos devem estar de acordo com o objectivo. Os meios inferiores, tais como tentar atingir a paz através da violência, libertam correspondentes reacções e cedo ou tarde só conduzem a maior desarmonia.

A estrada do sucesso

Acabamos com um paradoxo do sábio Lao Tsé exposto por Gottfried de Purucker, o quarto líder da Sociedade Teosófica:

(...) o grande Lao Tsé da China ensinava: a sagacidade, o caminho do Tao – muitas vezes traduzido por Céu – não consiste em lutar. Académicos ocidentais meio inteligentes, estudando as nossas escrituras orientais, divertem-se com a ideia de que o caminho para a realização não é lutar para ser bem sucedido: que o caminho para progredir rapidamente é apressar-se mais com a mente e o coração mas sem a ideia de realização rápida; que o caminho para a saúde é a ligação à harmonia mais do que a mera prática de regras formais.

Mas Lao Tsé estava certo. Sossegados são os lugares onde o crescimento tem lugar. Tranquilhos são os espaços onde a luz entra no coração. Os mais majestosos processos da Natureza são silenciosos, pacíficos, sossegados. O tambor ruidoso e a estridente banda de metais podem permanecer como ideais para os rapazinhos, mas para os sábios – não! Todo o crescimento é calmo, tem lugar sem luta, no silêncio. A batalha, o conflito, a actividade, a agitação – todas essas coisas são sinais da imperfeição humana e uma falta de Sabedoria da Doutrina do Coração. Na verdade, o caminho do Céu não é o da luta.

(...) nós somos trabalhadores, muito ocupados, muito activos, muito sérios, muito devotos, muito intencionais; mas somos muito pacíficos; trabalhamos calmamente, eficientemente, facilmente. É o caminho do Céu. Portanto, fique quieto e cresça; seja espiritualmente activo, tal como é sossegado exteriormente.⁽⁹⁾

Referências

1. G. de Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, (Fundamentos da Filosofia Esotérica), pág. 557, Fonte: <https://blasvatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>.
 2. Platão, *Philebus*, 54 c e 53 e.
 3. Platão, *República*, 432d-433b.
 4. https://en.wikipedia.org/wiki/Campbell%27s_law.
 5. https://en.wikipedia.org/wiki/Goodhart%27s_law.
 6. Erwin Bomas, “Cooperação - crescendo em unidade”, artigo em *Lúcifer*, nº 4, Dezembro de 2020, p.18-24.
 7. <https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/>.
 8. <https://blavatskyhouse.org/about-us/our-goal/>.
 9. G. de Purucker, *Esoteric Teachings, Vol. 1*, Fundação I.S.I.S., Haia, 2015, pág. 55.
-



Uma galáxia é uma célula cósmica.

Pensamentos-chave

- » As galáxias, as estrelas e os planetas são seres vivos.
- » O espaço é, por definição, limitado e relativo.
- » O ESPAÇO abstrato e absoluto é ilimitado e inconmensurável.
- » A Duração é imutável; o tempo existe por causa do movimento e da mudança. Cada consciência interpreta o tempo de acordo com o seu carácter.
- » ESPAÇO : espaço = DURAÇÃO : tempo.
- » O espaço é uma plenitude da vida.
- » Há um espaço-tempo-consciência continuum.
- » Qualquer espaço – e portanto tempo – é ilusório porque ele existe devido a alguma coisa mais; tem um começo e portanto um fim.
- » O passado, presente e futuro estão interconectados. O futuro vem-nos até nós a partir de trás.

ESPAÇO, tempo e consciência

Como é que o espaço, o tempo e a consciência se relacionam uns com os outros? Será que esta misteriosa extensividade do espaço revelará alguma vez os seus segredos à consciência humana? Somos um filho do cosmos. Portanto, se nós cavarmos fundo dentro de nós próprios, seremos capazes de levantar uma ponta do véu.

Por vezes, os editores de um jornal digital põem o tempo de leitura em cima de um artigo. *Tempo de leitura: 5 minutos* é então referido como uma espécie de serviço ao leitor. Contudo, os leitores têm experienciado que *aqueles cinco minutos* duram mais tempo para um artigo do que para outro. Isto tem a ver com o interesse e o estado da mente. Se nós lermos o artigo em pé no comboio, aqueles cinco minutos serão provavelmente mais compridos na nossa experiência do que se nós ficássemos estendidos deitados no sofá. Isto porque o tempo é relativo e dependente da consciência e do espaço.

Isto também quer dizer que o espaço e a consciência são relativos. Estes três conceitos têm tudo a ver uns com os outros; eles estão *relacionados* uns com os outros e são variáveis. Espaço, tempo e consciência podem portanto apenas ser considerados em relação com alguma coisa mais.

“Absoluto” é o oposto de “relativo” e significa que qualquer coisa deve ser considerada separada de alguma coisa mais. Para clarificar “relativo” e “absoluto” com um exemplo: a duração

do dia – o período quando o sol brilha – é relativo. Para mais, durante o Inverno temos menos horas de Sol do que no Verão. Cada dia tem sempre 24 horas. Podia chamar-se a isso um absoluto. Agora, a divisão do tempo está relacionada, entre outras coisas, ao movimento da terra à volta do seu eixo e, se isto é variável, aquelas 24 horas num período de 24 horas não são realmente nada absoluto. Assim, numa verificação mais apertada, o aparente absoluto acaba por ser afinal de contas relativo.

Portanto, apesar do espaço, do tempo e da consciência serem conceitos relativos, podem estes conceitos ser também considerados numa perspectiva absoluta. Se se considera a perspectiva relativa e a perspectiva absoluta, obtemos um quadro claro do cosmos e da vida. Para mais, podem ser tiradas conclusões disto com um olhar para a nossa própria vida e aprender a viver de acordo com aquelas leis cósmicas.

Espaço relativo

Quando falamos de “espaço”, na nossa linguagem diária referimo-nos habitualmente à vastidão do cosmos.

Mas, actualmente, estamos a falar de “um” espaço e embora possa ser imensamente grande para nós, ele não difere realmente em princípio de outros espaços, tais como o nosso sistema solar. Cada espaço é parte de alguma coisa maior. Por exemplo, o nosso sistema solar é um dos muitos sistemas solares da Via Láctea.

Podemos ainda construir uma imagem do sol e dos seus planetas, embora as distâncias sejam enormes para a nossa compreensão. A distância do sol – a “nossa” estrela – para a terra é de cerca de 150 milhões de quilómetros. A luz leva 8 minutos e 19 segundos a atravessar aquela distância. Isso representa 0,000016 anos-luz. Sem contar com o nosso sol, a estrela mais próxima de nós é Alfa do Centauro. Esta estrela está já à distância de 4,25 anos-luz, ou mais de 40 triliões de quilómetros. Uma distância que é mal imaginável para nós. Outras estrelas estão também mesmo a maiores distâncias. As estrelas formam um todo: a Via Láctea, um sistema com um diâmetro de 100.000 – 120.000 anos-luz e com um número estimado de cerca de 200 biliões de estrelas. Não sei quantas pessoas podem ter uma ideia concreta do que isto possa ser.

A Via Láctea é justamente uma de muitas galáxias. Os cientistas citam números de 100 biliões a 200 biliões destas galáxias, todas consistindo em biliões de estrelas e seus planetas. A propósito, há apenas estimativas porque, mesmo sendo bons os nossos instrumentos, apesar das observações que promoveram com todas as espécies de equipamentos modernos, incluindo sondas espaciais como a de Hubble, e talvez agora o recém lançado Telescópio Espacial James Webb, ainda há muita coisa de que não nos podemos aperceber.

Ora, este inimaginável vasto espaço, que nós podemos ou não ser capazes de observar, é um espaço *relativo* e não o ESPAÇO abstrato absoluto. Aqueles biliões de galáxias não são ilimitadas. Elas podem ser incomensuravelmente enormes para nós, mas têm os seus limites. Elas têm limites no tamanho e na duração. Elas nasceram num determinado tempo e portanto morrerão também num tempo determinado. A ciência corrente, sempre a melhor amiga da Teosofia nestas matérias, também descobriu que as estrelas podem nascer; que da grande nebulosa nascem estrelas. Os cientistas falam de berçários de estrelas. E que aquilo que nasce há de morrer um dia. Isto também é confirmado pela ciência, que fala de estrelas que morrem.

Consciência relativa

O processo de nascimento de um cosmos, de acordo com a Teosofia, não é um processo mecânico. Pelo contrário, ele é guiado pela consciência. As características da vida são acção e

reação, sendo objecto de acções de outras entidades. Estas características são desempenhadas pelos planetas, pelas estrelas e pelas galáxias. O espaço que um tal ser cósmico – a consciência cósmica – ocupa ou actualmente é, o que será mostrado mais tarde, está também em relação com outros espaços. Eis porque se pode também falar de consciência relativa. Nunca está separada de outras consciências e está numa mudança constante.

Daquilo que nós podemos perceber, a olho nu ou com o mais poderoso telescópio, é actualmente aquela parte de um ser que corresponde ao mundo físico onde nós vivemos; apenas nos apercebemos do seu corpo exterior. Todos estes seres têm o seu tempo de vida e o seu ciclo de vida. Eles podem ser vistos como entidades imutáveis para nós, mas eles relacionam-se uns com os outros, reagem uns com os outros, movimentam-se e mudam a todo o tempo.

Embora o cosmos possa existir durante biliões de anos, ele terá um fim. Um ser cósmico – a consciência – nunca se envolve de forma permanente num corpo cósmico, mesmo que esse corpo – como a nossa Via Láctea – consista em biliões de estrelas. Ela tem um período de manifestação temporário.

Como tudo é relativo é demonstrado pelo facto de que uma imensa galáxia é muito parecida com aquilo que num mundo pequeno, no nosso corpo humano, por exemplo, é chamado uma célula, que só pode ser observada com um microscópio. Uma célula é composta por moléculas. Uma molécula é constituída por átomos. Um átomo é muito parecido com um sistema solar. Um sistema solar tem um núcleo – o sol, com os planetas a circular à sua volta. Um átomo também tem um núcleo, com electrões circulando à sua volta. A escala é bastante diferente, naturalmente, mas isso é relativo. Afinal, se tudo no Universo ilimitado se traduzisse em centenas de milhares de vezes maiores ou menores ao mesmo tempo, não nos aperceberíamos de nenhum. Por outras palavras, todos os processos procedem da mesma maneira. Como é em cima, assim é em baixo. Uma imensa galáxia, tal como a nossa Via Láctea, não é nada a não ser uma célula cósmica num corpo maior, tal como uma célula no nosso dedo mindinho esquerdo é uma parte do corpo humano.

Em resumo, qualquer ser cósmico manifestado – ser, galáxia, sol, planeta – nunca é absoluto, ilimitada imutabilidade. Portanto, não importa quão grande e quanto espaço ocupa, ele nunca é o ESPAÇO *per se*. Nunca é a Ilimitabilidade.

ESPAÇO Abstrato Absoluto

No seu sentido de espaço abstrato absoluto, o ESPAÇO (escrito com maiúsculas) é de facto o mesmo que ilimitabilidade. Não estamos a falar de *um* espaço, mas do ilimitado infinito da ilimitabilidade. O ESPAÇO não é o lugar concreto no qual um próprio ser se manifesta, mas é a força a trabalhar dentro ou além de todos os espaços. É a própria vida. Asseidade consciente, que é sem fronteiras, eterna, não tem princípio nem fim, é imutável, e do qual emana todo o limitado espaço relativo, e no qual estão encaixados. O ESPAÇO não tem dimensões: não se pode medir a sua altura, a sua largura ou a sua profundidade, o que se pode fazer com um espaço. O ESPAÇO é, por definição, imensurável. Na verdade, não podemos dizer nada acerca disso, porque está para além da nossa compreensão. Por isso, nas antigas religiões e sistemas filosóficos de pensamento, o ESPAÇO era descrito com metáforas, tais como o ABISMO, o OCEANO. Os místicos budistas usavam o termo *Śūnyatā* ou VAZIO. Por isto eles não queriam dizer que não havia nada, mas que a parte mais elevada da vida, de um *espaço*, de coisas vivas manifestadas, são invisíveis para nós, sim, mesmo inimaginável e portanto aparece *a nós* como vazio. Se não compreendemos alguma coisa, é vago para nós, mas se mesmo além daquela vacuidade, se não compreendemos absolutamente nada acerca disso, sim, se nós nem mesmo compreendemos que não compreendemos porque simplesmente está para além da nossa imaginação, então é vazio para nós.

A vacuidade, então, é o ilimitado e a ausência de limites, que interliga todos os seres. Por outras palavras, cada ser é ilimitado no mais íntimo do seu ser. Ele é uma centelha, um raio, um corolário – e actualmente estas palavras não são adequadas, mas não temos outras – desta ilimitabilidade, do ESPAÇO, de *Śūnyatā*.

Embora não possamos sondar o mais profundo significado do ESPAÇO, este conceito dá-nos uma tremenda paz interior, porque sabemos que nunca estamos perdidos. É como Krishna diz no *Bhagavad-Gītā*:

Nunca houve tempo em que não existíssemos eu ou tu, ou qualquer destes príncipes da terra; igualmente, nunca virá tempo em que algum de nós deixe de existir.⁽¹⁾

Princípio Ilimitado

Em *A Doutrina Secreta* H.P. Blavatsky dá a esta ideia de ESPAÇO abstrato sem fronteiras o nome de PRINCÍPIO. Ela fala então de PRINCÍPIO Omnipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável. Na sua explanação disto ela diz que

esta “Asseidade” é simbolizada por dois pontos de vista: o ESPAÇO abstrato absoluto e o Movimento abstrato. Este Movimento, diz *A Doutrina Secreta*, representa a Consciência Incondicionada.⁽²⁾

Eles ambos, o ESPAÇO abstrato e a Consciência Incondicionada, são para nós impossíveis de imaginar. Para nós, consciência sempre implica uma limitação. Porque é relacionada com outras consciências. Precisamos de ser capazes de refletirmos de uma certa maneira e não podemos refletir em nós próprios o ilimitado. Não existe tal coisa como consciência autocontida e isolada. A consciência age e reage com outras consciências e é objecto das acções de outros. Isto acontece porque ela está sempre a mudar e a crescer. Para cada consciência, há mais para descobrir, mais para desenvolver. Afinal, não estamos nunca conscientes de tudo, senão seríamos tudo. Então não poderia refletir nada. O Movimento Abstrato ou Consciência Incondicionada, por outro lado, é inconcebível para nós. É uma Asseidade Consciente *per se*. Consciência sem limites, infinita nas suas potências, faculdades e âmbito. É, tal como o ESPAÇO abstrato, a própria ilimitabilidade; a raiz sem raiz, ou a causa sem causa, a necessariamente inominável e impensável que é, apesar de tudo, a fonte de tudo o que existe.

Nalguma parte de *A Doutrina Secreta* H.P. Blavatsky cita um catecismo esotérico:

“Que é aquilo que sempre é?” “O ESPAÇO, o eterno Anupadaka.” [que não tem pais; B.V.]. “Que é aquilo que sempre foi?” “O Germe na Raiz.” “Que é aquilo que cessar vai e vem?” “É o Grande Alento.” “Então há três Eternos?” “Não, os três são um. O que sempre é, é um; o que sempre foi, é um; o que sempre está sendo e vindo a ser, é também um; e este é o ESPAÇO.”⁽³⁾

Aquele ESPAÇO abstrato é como um OCEANO de SER sem costa, sem fundo ou superfície, em que tudo está enraizado, do qual tudo brota, no qual tudo acontece, mas que não é nada em particular, embora seja tudo. Nada nele tem algum privilégio ou tem um lugar especial. Cada Universo, cada sol, cada planeta, cada entidade, cada ser humano, cada animal, até ao mais pequeno micróbio, sim, cada molécula, cada átomo, cada partícula de um átomo é nada mais que uma ondulação naquele figurativo OCEANO da ASSEIDADE. Cada ser, cada consciência, é portanto essencialmente esse próprio OCEANO, tal como uma onda é feita dos mesmos elementos do oceano do qual ela faz parte. Enquanto esse ondulação existe, e um ser é portanto manifestado, aí está o tempo.

DURAÇÃO

Este princípio ilimitado, este Oceano de Assididade sem fronteiras, contudo, não conhece o tempo. Conhece apenas a duração. Por outras palavras, o Espaço abstrato que excede a nossa consciência, é duração para nós. Para seres muito mais avançados, que têm uma consciência muito ampla, aquilo a que nós chamamos “consciência sem fim”, aquilo a que nós chamamos “duração sem fim”, para eles será tempo que muda.

A duração não pode ser compreendida por nós, porque os seres manifestados não podem compreender a própria ilimitabilidade. Para os seres manifestados, a duração não conhece mudança, enquanto a vida manifestada não é outra coisa a não ser mudança.

Às vezes, para nós, alguma coisa manifestada parece durável. Por exemplo, podemos olhar para uma certa nebulosa no firmamento, ao mesmo tempo à noite e não nos apercebemos de nenhuma mudança. No entanto, quando observamos aquela nebulosa com telescópios muito poderosos que alargam muito a nossa gama de consciência na esfera física, verificamos muitas vezes que esta imutabilidade não existe, porque no entanto observamos algumas pequenas mudanças. Há sempre um espaço maior com a sua própria experiência de tempo que é apercebida como duração pela consciência menor, vivendo dentro dela.

No ESPAÇO abstrato não podemos nunca perceber mudança. Portanto, há uma duração eterna, que não nos aparece doutra forma que uma profunda escuridão.

Tempo

Com o tempo, por outro lado, somos muito familiares. O tempo está relacionado com o movimento, com a ciclicidade, e existe portanto como resultado da mudança. O tempo pode sempre ser quantificado: pode ser dividido em fases, em períodos, em ciclos. Podemos observar isto, vemos estas mudanças. O tempo sempre se relaciona com seres manifestados, que anexa um certo valor às mudanças que ocorrem. Portanto, nós, seres humanos vivendo no planeta terra, fizemos certos acordos em relação ao tempo. A percepção do tempo é, portanto, sempre dependente de uma consciência percepcionante. Esta consciência percepcionante pode experienciar o tempo a partir de atitude pessoal, mas o tempo pode ser também relacionado com um fenómeno mais largo, tal como a rotação da terra. Essa rotação da terra à volta do seu eixo determina o ritmo dos nossos dia e noite, que nós dividimos em 24 unidades e essas outra vez em 60 unidades menores. A rotação da terra à volta do sol determina o nosso ano.

O sol move-se ciclicamente na nossa galáxia e isso determina também o nosso tempo. Todavia, aquele período é tão grande que só o raciocínio o pode tomar em linha de conta. Os seres de outros planetas ou mundos cósmicos têm de tratar de outros movimentos cíclicos e eles têm, portanto, diferentes divisões do tempo, que na nossa experiência podem ser mais curtos ou mais compridos. Por exemplo, o tempo para as partículas elementares, que têm um tempo de vida muito pequeno, será incrivelmente rápido para nós, enquanto o tempo cósmico de uma estrela que vive por biliões de anos terrestres é muito lento na nossa percepção. A percepção do tempo, por consequência, não é um facto objectivo. Por outras palavras, a interpretação do tempo, o valor que nós associámos a ele, é inteiramente dependente da nossa consciência perceptiva. De como e quem nós somos, com quem o nosso carácter é parecido e com que é que nós próprios nos identificamos. Por conseguinte, o tempo é dependente da nossa consciência individual. Se não há consciência manifestada, não há tempo.

Assim, quando a consciência é retirada da manifestação – no sono ou na morte – o tempo cessa de existir para aquele momento. Talvez nos tenha acontecido nalguma ocasião que, depois do jantar, dormitemos por momentos e, quando acordamos, não temos nenhuma ideia se dormimos uma ou oito horas. Para o nosso(a) companheiro(a), contudo, que no entretempo levantou a mesa, fez os pratos, isso traduziu-se definitivamente em tempo. Mesmo durante o período do grande sono, a morte, não há tempo terrestre. Algumas pessoas, às vezes, maravilham-se pelo grande período de tempo entre duas vidas terrestres. Eles esquecem-se, contudo, que para o ser humano que morreu, não há tal tempo. Após a morte não há relógios.

Em conclusão, pode dizer-se que cada consciência senciente tem o seu próprio tempo. Duração e tempo relacionam-se um com o outro da mesma maneira como ESPAÇO e espaço. A duração e o ESPAÇO abstrato são, para uma consciência perceptiva, imutável e ilimitada; o tempo e o espaço têm começos e fins, são mutáveis e, portanto, como esperamos tornar claro, ilusórios.

Espaço manifestado: plenitude

Quando dissemos antes que o ESPAÇO é um vácuo, não estamos a falar de espaço manifestado, porque *um* espaço é, paradoxalmente, uma plenitude. Enquanto o ESPAÇO *per se* é sem dimensões e ilimitado, *um* espaço tem dimensões que são mensuráveis e, portanto, limitado. De qualquer espaço nós podemos medir o comprimento, a largura e a altura, embora no caso das manifestações cósmicas isso

é quase impossível para nós; usamos a unidade de medida "anos-luz". O micro mundo do átomo é também quase impossível de medir, tão pequenino é o mundo atômico.

Qualquer espaço é uma manifestação da consciência, de um ser vivo. O espaço, por outras palavras, é uma propriedade de uma consciência manifestada. Tal espaço, no entanto, não está sozinho. Cada ser vive dentro do espaço de outro ser. Tudo vive, move-se, e tem a sua existência dentro de um ser maior, enquanto que, por sua vez, é composto de espaços de seres menores. Por isso nunca pode estar só. Por exemplo, nós, humanos, vivemos no espaço da terra e do nosso sistema solar ou, se pensarmos mais universalmente, no da nossa galáxia, enquanto formamos o espaço para as células e átomos nos nossos corpos.

Os diferentes espaços, por consequência, relacionam-se hierarquicamente com outros. A consciência e o espaço são idênticos uns aos outros. Assim uma consciência mais avançada que cria o seu espaço, também cria a possibilidade para outra, de menos avançada consciência para criar também o seu próprio espaço. E desde que cada espaço tem o seu próprio tempo, os espaços-tempo também se relacionam hierarquicamente uns com os outros.

Uma vez que cada ser vive num espaço não se pode imaginar um ser sem imaginar um espaço onde esse ser viva. Um espaço não é, portanto, um vácuo no qual um ser se manifesta. Essa suposição ultrapassada foi alimentada pela suposição de que as vastas distâncias entre o sol e os planetas e especialmente entre os próprios sois, são uma espécie de vácuo. Observações comprovadas, no entanto, estabeleceram que o assim chamado espaço interestelar está cheio de partículas. O telescópio Hubble tem demonstrado à saciedade que as partes do Universo que até há pouco tempo pareciam escuros e vazios através de telescópios na terra, apareceram repletos de estrelas, galáxias e nebulosas. Um espaço, segundo a Teosofia, é uma plenitude porque é a manifestação de um ser. Cada manifestação – não importa se estamos falando uma galáxia ou de uma pulga – fica, naturalmente, numa particular localização do espaço, mas, para nascer dentro dele, criou o seu próprio espaço. Deste modo, cada ser é o seu próprio espaço individual. Para uma consciência perceptiva, o abstrato, o ESPAÇO não dimensionável, tem muitos, na verdade, infinitos números de divisões, desde as mais rarefeitas e etéreas até às mais grosseiras e rudes. Por consequência, há inumeráveis espaços no ESPAÇO. Alguns destes espaços são muito mais avançados do que nós, como vimos acima, porque se nos revelam como vacuidade.

Um espaço é sempre uma plenitude de vida. Isto é porque,

como já dissemos, cada ser é o seu próprio espaço. Esta ideia torna-se mais compreensível quando imaginamos duas coisas. Em primeiro lugar, que num cosmos há diferentes "departamentos", que diferem uns dos outros em graus etéricos. Aliás, o cosmos é uma hierarquia de consciências. Quanto mais elevado é a hierarquia, tanto mais etéreo é o espaço. Em segundo lugar, aquilo a que nós chamamos substância ou matéria não é uma realidade morta, mas sim viva. A Teosofia não conhece matéria morta.

Um ser cósmico tem, por outras palavras, um número de mantos cósmicos, feitos de blocos de construção vivos, diferentes em grau etérico, que encham o espaço, sim, actualmente são o espaço. Esta ideia é a base da doutrina da Grécia antiga do *Aether*, e a do *Ākāśa* dos Hindus. *Ākāśa* não é propriamente a substância que preenche o espaço, mas é a própria vida que constitui aquele espaço.

Do ponto de vista teosófico, a plenitude é de natureza elemental. A ciência, nas suas investigações sobre a inteligência do cosmos, descobriu várias partículas que representam aqui todas as espécies de funcionalidades. Por exemplo, a descoberta da partícula de Higgs e do campo de Higgs – assim chamados por homenagem ao físico teórico Peter Higgs – revela-se como sendo um grande passo em frente. Este campo aponta para o facto de que todo o assim chamado espaço vazio é uma plenitude. O campo de Higgs permeia todo o cosmos e ocasiona que todas as partículas tenham massa. A Teosofia ensina que aquelas partículas de Higgs são seres vivos e que, além disso, não estão apenas no nosso nível físico mas em todos os níveis do cosmos – em todos os espaços – há seres que realizam esta função. Talvez a ideia da plenitude se torne mais compreensível se nós tomarmos o ser humano como exemplo. O humano é também um particular espaço: o microcosmo. Toda a sua constituição, o seu espírito, sua alma, e seu corpo, é uma plenitude de vida. Vejamos a parte mais baixa do cosmos humano: o corpo. Não há lugar no nosso corpo que não seja um bloco vivo de construção, seja uma célula, uma molécula ou um átomo. O homem é uma plenitude de seres vivos. Do mesmo modo, nos nossos sentimentos, nos nossos desejos e pensamentos, no nosso idealismo e aspiração, nós somos uma plenitude de blocos vivos de construção para cada uma destas áreas.

Do mesmo modo, o grande cosmos é uma plenitude, um *Pleroma*, como os antigos gregos e os Gnósticos costumavam chamar-lhe.

Espaço-tempo contínuo

Em todo o espaço, existe o tempo. O tempo é, portanto,

algo que se compreende como sendo uma espécie de dimensão que, como o comprimento, a largura e a altura, podemos medir. Não há espaço sem tempo. E naturalmente o reverso também é verdadeiro; não há tempo sem espaço. Portanto, não se pode imaginar o espaço sem o tempo. Se se começa desde duas dimensões – comprimento e altura – pode-se ainda imaginar esta imagem bidimensional como um só momento. Se, contudo, se acrescentar a profundidade, a componente tempo vem à baila desde logo. Assim, conseguimos então um espaço onde nos podemos mover, e que toma sempre uma certa quantidade de tempo para ir de um lado do espaço para outro.

Se o tempo não fosse conectado com o espaço, o espaço não podia existir por dois momentos sucessivamente, porque essa sucessão – quer dizer, a mudança – é precisamente aquilo a que nós chamamos tempo. Da mesma forma, o tempo apenas pode existir por causa do facto de espaço em mudança, que representa o tempo.

Tome-se como exemplo uma pessoa numa certa situação. Ela está no trabalho ou a ouvir música, está de férias ou não importa o que seja. Pode sempre imaginar-se essa pessoa num espaço. Para mais, sabe-se que o seu estado está constantemente a mudar de modo a que há um momento após outro; assim, há tempo. O tempo e o espaço formam uma unidade. O espaço-tempo contínuo.

Espaço-tempo-consciência continuum

Em cada instante de um ser humano estando no espaço há, em aditamento ao tempo e ao espaço, um terceiro factor: o próprio ser humano. Por outras palavras, a consciência. É a consciência que se manifesta num espaço, sim, actualmente é aquele espaço, no qual há o tempo. Portanto, não há apenas um espaço-tempo contínuo, mas uma consciência-espaço-tempo contínuo.

Por outras palavras, o espaço-tempo é idêntico com a consciência manifestada. Se há espaço, há também tempo e consciência. O mesmo é verdade para o tempo e consciência: assim, onde há tempo, há também espaço e consciência e quando há consciência, há também espaço e tempo. Pode chamar a isto uma trindade.

Consciência ou vida é actualmente o mesmo que auto-movimento: acção, reacção para outras consciências. Movimento – e particularmente os dos corpos celestiais – tem portanto sido associado com o tempo desde tempos imemoriais. Para dar um exemplo: os dias da semana em muitas línguas não são sem razão chamados segundo os nomes dos planetas, as “estrelas moventes”, que orbitam à volta do Sol e que estão estreitamente ligados ao planeta terra.

Ilusão

O tempo, desde a antiguidade, foi sempre associado com o movimento. Aristóteles (384-322 a.C.) definiu tempo como *um número de movimentos com respeito ao antes e ao depois*.⁽⁴⁾ Outros filósofos, tais como Plotino (204/205 – 270) também associam tempo ao movimento, em especial o dinamismo e o movimento das almas. Assim, o movimento só tem lugar quando alguma coisa se move. Essa “alguma coisa” é uma consciência – uma alma – num particular espaço. Por causa daquele movimento constante, no tempo e no espaço, cada fenómeno manifestado – do átomo à Via Láctea – está constantemente num estado diferente. Cada fenómeno está constantemente a mudar. É a mudança que se interliga à ideia de *Māyā* ou Ilusão. *Māyā* – que à letra significa “o mensurável” – não implica que a manifestação não exista. Ela existe, mas existe como uma projeção, como consequência de uma maior realidade por detrás dela. Aquela projeção, por definição, é temporária. Assim, todas as coisas manifestadas têm um fim. A existência de um ser humano, animal, planta, átomo, não é negada, mas a sua existência como manifestação é temporária e o resultado de qualquer coisa mais real, tal como uma sombra numa parede existe porque alguma coisa mais real a projecta.

Tudo aparece, muda, desaparece. Nenhum ser permanece o mesmo. Passa de um estado a outro. O tempo é portanto uma ilusão, porque ele é produzido pela sucessão dos nossos estados de consciência, à medida que atravessamos através da eterna duração.

Qual é então a Realidade subjacente mais profunda que reside atrás dos fenómenos? É o ESPAÇO ilimitado e abstrato, aquele Oceano de Asseidade, do qual cada ser é uma parte inseparável, e no qual cada fenómeno não é nada senão uma ondulação temporária e, portanto, ilusória.

Passado, presente e futuro

Por causa destes estados de mudança nos quais as manifestações se encontram constantemente, existe aquilo que nós chamamos na nossa linguagem humana passado, presente e futuro. Quando Aristóteles fala de *um número de movimentos com respeito ao antes e ao depois*, ele está a falar acerca do passado e do futuro.

Na Duração não há nem presente, nem passado, nem futuro. Há um eterno AGORA, mas logo que algum ser é manifestado e há consciência, espaço e tempo, então há algo como presente, passado e futuro. Estes três conceitos são ilusórios porque se referem a coisas que estão de passagem e não têm, portanto, permanência. De facto, para

citar um Mestre da Sabedoria e Compaixão, estes conceitos “são tão inadequadas nesse sentido quanto seria usar um machado para fazer um trabalho delicado de escultura”.⁽⁵⁾ Para nós humanos, vivendo na temporalidade da manifestação, à qual nós ligamos muita importância, é extremamente difícil imaginar o sem tempo. O primeiro Estancia de *A Doutrina Secreta* fala de tal estado. Este Estancia descreve o estado de *Pralaya*: um estado de descanso, de sono, de morte; o cosmos não está manifestado. Nesse estado não há tempo, porque:

O tempo não existia, porque dormia no Seio infinito da duração.⁽⁶⁾

À medida que o tempo acorda, o que significa que há uma manifestação, um espaço, um cosmos, consciência, então há também passado, presente e futuro. Contudo, esses são conceitos ilusórios porque a realidade é duração.

O tempo pode ser imaginado como uma linha, separando aquela parte da duração eterna a que nós chamamos futuro, a partir da parte a que nós chamamos passado. Nós existimos no momento presente, naturalmente, mas nós somos o produto do nosso passado, e o que fizemos e pensamos determina o que somos hoje. Mas nós somos também os nossos ideais e os nossos futuros planos.

Nós somos uma totalidade de memórias do passado e de ideais para o futuro. Esta totalidade que nós somos vive, cresce, e muda AGORA, no espaço onde nós estamos agora, sim, que nós actualmente *somos*. E enquanto nós estamos a pensar acerca disto, o estado em que nós estamos já se tornou passado.

Apesar disso, o passado não significa que alguma coisa desapareceu. Se lemos este artigo, ele pode ter implicações para o longínquo ou próximo futuro. Os pensamentos nele podem ser tão novos e interessantes que nos podem guiar para uma direção totalmente nova na nossa vida. Estas ideias não foram inventadas pelo autor deste artigo. Na verdade, elas são tão antigas como a humanidade, embora para muitos elas desapareceram nas idades. Elas regressaram ao mundo pela mão de Helena Blavatsky, e mais tarde, entre outros, por Gottfried de Purucker, Mestres espirituais que deram nascimento aos seus livros no final do século XIX e no começo do século XX, respectivamente.

Deste modo, nós somos simultaneamente o nosso passado – tudo o que nós fizemos e pensamos – e o nosso futuro, que é, afinal de contas, o resultado do nosso pensamento e actividade, enquanto nós vivemos no AGORA. O futuro, portanto, não está à nossa espera, vem-nos até nós a partir

de trás. Portanto, a vida deve ser compreendida para trás e vivida para a frente.

Viva agora!

Passado, presente e futuro não são quantidades isoladas, eles formam a trindade eternamente vivente do mundo ilusório. Como tudo o que é manifestado, estas três faces do tempo estão relacionadas. Se pensamos nelas como quantidades isoladas, reforçamos a sua natureza ilusória. Assim, quanto mais se vive no passado ou no futuro, quanto mais imergimos na ilusão. Os seres humanos im-pessoais podem viver, no mundo exterior e temporal, mas não se identificam com ele. O homem pessoal, sim. Em resultado disso, o apego aumenta. Por outras palavras, quanto mais nos identificamos com a manifestação exterior, a maior importância nos atribuímos ao passado ou ao futuro. Daí podemos ter traumas por causa do passado, ou podemos ter medo do futuro.

No entanto, podemos também viver da parte duradoura de nós próprios. Porque, se bem que vivamos num mundo ilusório, não necessitamos de nos identificar com essa ilusão. Devíamos tentar erguer-nos acima da temporalidade da vida exterior e virar-nos para dentro, para aquilo dentro de nós que vive na duração e na unidade da vida. Para dentro de nós há um aspecto que vê através da ilusão exterior e que vive já no duradouro AGORA. Este Eu Superior tem uma consciência profunda da estrutura de todos os seres, que não são mais do que ondulações do mesmo ilimitado Oceano da Vida.

Quando nós desenvolvemos esta visão da vida, obviamente que isto tem muitas consequências. A mais importante é que aprenderemos a ver os nossos companheiros seres humanos como “viajantes no tempo”, com os quais temos colaborado no passado e com os quais cooperaremos no futuro. Sim, veremos cada ser vivo como um companheiro, que viaja connosco na eterna peregrinação e com o qual permaneceremos sempre conectados no eterno AGORA.

Referências

1. *O Bhagavad-Gītā*, capítulo 2, verso 12.
2. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Editora Pensamento, São Paulo, Vol. 1. p. 125.
3. Ver referência 2, p. 121.
4. Aristóteles, *Física*, livro IV, 219 b1–2; ver também: [https://en.wikipedia.org/wiki/Physics_\(Aristotle\)#Book_IV](https://en.wikipedia.org/wiki/Physics_(Aristotle)#Book_IV).
5. *As Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett*, Carta nr. 15, p. 97. Editoria Teosófica, Brasília DF. Brasil.
6. Ver referência 2, Estancia 1, verso 2, p. 141.

Teosofia na Natureza

Será que cada ser individual tem um carácter único?



Pensamentos-chave

- » As qualidades na sua consciência que um ser humano activou, são chamadas na sua totalidade o seu “carácter”.
- » Cada ser tem um carácter único, autocreado. O nosso carácter não nos é, portanto, “oferecido”: estamos constantemente a desenvolvê-lo.
- » Quanto mais desenvolvido é um ser, tanto mais individualizado é o seu carácter.
- » Mas até mesmo os seres que mal se desenvolveram já têm um carácter individual. Mas muitas vezes faltam-nos os sentidos e a percepção para o discernirmos.

É óbvio que nós, humanos, temos um carácter individual. Pelo qual nós nos distinguimos dos nossos companheiros seres humanos. Será que isso também é aplicável aos animais, plantas, minerais e elementais individuais? E aos “deuses”: os seres que são mais avançados que os humanos?

O que é carácter?

O nosso ponto de partida é a teosófica ideia básica de que todas as coisas são vivas, que são conscientes. Uma Vida ilimitada flui através de tudo isso. Naquele incomensurável Oceano de Vida, cada ponto de matemática é um ser, um ponto de consciência. Cada ser é, na essência, tal como aquele Oceano eterno. Sempre tem sido e sempre será. E cada ser, tal como aquele Oceano, transporta ilimitadas possibilidades dentro dele. Durante a sua jornada evolutiva, ele expressa gradualmente mais das suas possibilidades à sua própria maneira. Cada ser tem, no seu interior, o desejo de expressar as suas capacidades adormecidas. A reencarnação joga um papel crucial neste processo. Durante cada período da vida física, um ser activa um pouco mais das suas latentes capacidades. Cada reencarnação, cada ciclo de vida, é portanto um estágio de uma jornada interior evolucionária.

As qualidades na sua consciência que ele agora activou, são chamadas na sua

totalidade o “seu carácter”. É o todo das capacidades e hábito padrões, tendências e aspirações que têm sido desenvolvidas até agora. As lições diárias que ele aprende, abastecem aquele ser com as oportunidades para desenvolver mais e mais o seu carácter.

O desenvolvimento gradual das nossas características individuais

Se reflectimos nos princípios teosóficos, realizamos que cada ser deve ter tido um desenvolvimento ilimitado atrás dele: uma história sem um ponto de partida. Durante aquele tempo ilimitado, ele tem percorrido o caminho do crescimento interior no seu próprio único caminho. Subsequentemente cada ser, sem excepção, muito ou pouco desenvolvido, tem um único carácter autodesenvolvido. Isto, porém, não quer dizer que cada ser, no seu presente estágio, expresse totalmente a sua individualidade. Isso depende do seu nível de desenvolvimento. Podemos demonstrar isto olhando para os dez estádios de crescimento interior no cosmos, os dez

Reinos da Natureza, que em conjunto formam a Escada da Vida. Isto é a via do desenvolvimento para todos os seres no nosso cosmos. Na caixa abaixo, Gottfried de Purucker descreve algumas das características destes dez reinos da natureza.

Essas descrições clarificam que nos mais baixos níveis, todos os seres ainda agem “como partes integrais de um grande grupo”. Durante o processo de evolução, os seres expressam mais e mais das suas próprias características individuais. E nos níveis espirituais todos os seres auto-conscientes mantêm os seus caracteres sintonizados com a Unidade atrás de todo o cosmos. Estes seres dispõem as suas individualidades completamente desenvolvidas para o benefício de todas aquelas vidas.

Se nós supervisionarmos estas Escadas da Vida, concluímos que todos os seres ascendem a esta escada, que desenvolvem gradualmente as suas próprias características individuais – que estão latentes quando eles começam as suas presentes jornadas cósmicas de crescimento interior.

Os reinos da natureza superiores ao homem

Vamos dar mais algumas explicações acerca destes reinos naturais. Como nós já dissemos, os indivíduos nos reinos elementais comportam-se como “uma onda”, “um corpo”. Um ser elemental não tem “uma forma própria”. A sua forma é determinada pelos seres que são mais avançados. Podem tomar qualquer forma. Um exemplo disto são os nossos pensamentos. Os nossos pensamentos são de facto elementais mentais, elementais no plano mental da existência. E nós, humanos, damos-lhes o seu carácter e forma.

No reino mineral vemos que aqueles seres tomam uma forma física, apropriada às suas próprias características. As suas individualidades tornam-se mais fortes. Assim, mesmo nestas fases mais primárias, tem lugar alguma leve individualização.

Entre as plantas mais básicas, a individualização é mais forte do que nos seres minerais. Ainda que não seja fácil dizer quando é que uma planta é um individual ou muitos

Descrição dos dez reinos da Natureza⁽¹⁾

a. Primeiro Reino Elemental

Etérico e altamente fluídico no tipo ou carácter, com corpúsculos monádicos relativamente não manifestados e não individualizados, ou melhor, unidades, possuindo uma existência vital orgânica comum.

b. Segundo Reino Elemental

Separação em gotas, por assim dizer, ou entidades quase particularizadas que estão ainda apesar de tudo apoiadas conjuntamente em união por uma corrente ou fluxo vital idêntico.

c. Terceiro Reino Elemental

Seres ainda muito mais particularizados, embora ainda unidos com e funcionando numa existência vital orgânica.

1. O Reino Mineral

Corpúsculos quase individualizados, ou partículas, funcionando em unidade orgânica. Unismo simples como um corpo.

2. O Reino Vegetal

Comunismo simples. [no sentido geral de “organização comunal”, de “vida comunal em conjunto de unidades”; HB] A pressão em direcção à individualização aumenta.

3. O Reino Animal

Alvorecer de distintas unidades individualizadas.

4. O Reino Humano

Eflorescência da individualidade. O alvorecer de uma consciência comum e geral.

5. Os Grandes Seres

Individualidade totalmente cultivada. Realização auto-consciente de uma consciência subjacente geral unificadora.

6. Seres Quase-Divinos ou Deuses Menores

Fusão de individualidade aperfeiçoada, se diminuição, na consciência geral subjacente. Alvorecer da consciência cósmica.

7. Deuses

Emergência para a realização consciente da consciência cósmica, sem a perda de uma individualidade impessoal aperfeiçoada.

individuais. Pensemos no capim, no musgo, ou na erva. Ou nas ramificações das silvas. Com silvas e árvores, há uma forma individual, que é não obstante composta de partes semi-independentes. Se se persegue uma planta, isso é ainda o mesmo individual? Os animais comportam-se geralmente como seres individuais. As suas características únicas podem ser vistas claramente nos cães, nos gatos e em muitos animais selvagens.

Nos seres humanos, a capacidade de pensar – a capacidade que está ainda adormecida em seres mais atrasados – tem sido despertada. O facto de cada ser humano pensar diferentemente, temos conhecimento disso a cada hora do dia. Gottfried de Purucker fala disso:

Tem sido dito, e provavelmente dito com perfeita verdade, que nenhuma folha da floresta é exactamente a mesma; porque se o fossem, elas não seriam duas folhas, mas a mesma folha. Com muito maior razão isto podia ser afirmado no que toca ao altamente individualizado ser: o Homem! Mas, não obstante a individualização formal mesmo das folhas de floresta de árvores, elas são como uma simples entidade quando as comparamos com o maravilhoso desenvolvimento do que popularmente chamamos individualidade como a encontramos no Homem.⁽²⁾

Sumariamente, o facto de um ser elemental ou mineral individual não mostrar ainda características únicas não significa que ele não as tenha no mais profundo âmago do ser. O seu carácter individual, o seu Swabhâva como é chamado na Teosofia, é construído no passado sem limites, mas ele próprio ainda não o expressa – pelo menos para os nossos imperfeitos olhos humanos e instrumentos físicos. Quanto mais desenvolvido é um ser, tanto mais ele mostra o seu carácter individual.

O que há acerca dos seres divinos?

Será que isto significa que os reinos que se desenvolveram mais do que o homem, desenvolveram as suas únicas características mesmo além da fase humana? Enquanto se procura uma resposta teosófica para isto, temos que tomar em linha de conta várias questões. Na descrição dos reinos da Natureza, (ver a caixa anterior), lemos que os seres humanos estão a crescer em direcção à realização de uma “consciência geral”. Isso não implica de forma nenhuma que nós, como indivíduos, tenhamos que nos “dissolver” ou “desaparecer” no todo. Pelo contrário, a nossa individualidade continua a existir inteiramente; embora focada a servir toda a Comunidade da Vida.

Trata-se de um corolário lógico, porque este mesmo desenvolvimento continuará durante as fases evolucionárias depois da humanidade.

Para além disso, os princípios teosóficos apontam para o facto de que os mais elevados seres “escondidos” atrás do Sois e dos Planetas progrediram no caminho para além do presente estádio humano. E que cada ser cósmico tem aparentemente um carácter único.⁽³⁾ Isto é facilmente compreensível. Por exemplo, cada estrela tem o seu próprio espectro de radiação. E as doze constelações do Zodíaco, representadas por doze grupos de estrelas, irradiam, como um grupo, a sua própria característica específica. E cada planeta dentro do nosso sistema solar também expressa o seu próprio carácter.

Esta doutrina já era bem conhecida pelas civilizações antigas. E estas entidades cósmicas emanam os seus próprios mundos, sendo a origem de uma completa Hierarquia de Seres, as suas características individuais estão reflectidas na sua própria Hierarquia. A diversidade infindável do cosmos que nós vemos à nossa roda, reflecte a diversidade dos deuses.⁽⁴⁾

Livre-arbítrio

O livre-arbítrio que nós, humanos, podemos usar para fazer as nossas escolhas na vida, está mesmo mais poderosamente desenvolvida nos seres mais avançados. Porquê? Porque a sua visão não é tão limitada pelas ilusões e as suas acções são muito menos restritas pela falta de autodisciplina. Deste modo, quanto mais desenvolvida é a nossa consciência, tanto mais desenvolvida é a nossa vontade livre-arbítrio para abrir o seu caminho.

Este livre-arbítrio livre é usada por todos os seres divinos para o bom desenvolvimento do todo. Eles, há longo tempo, escolhem fazer isto por causa da sua compreensão da unidade de toda a vida, e a sua imensa compaixão por



Cada estrela da Via Láctea é a expressão de um consciência Cósmico. A singularidade desse ser cósmico expressa-se na cor dominante da sua radiação.



As baleias-jubarte reconhecem-se individualmente entre outras coisas, pelas suas canções.

tudo o que vive. Eis porque é que os deuses escolhem a autoconsciência para levar a cabo o seu próprio trabalho específico – determinado pelo seu carácter individual – na grande unidade da vida cósmica.

A sabedoria pode também ser encontrada no Borobudur na Indonésia. Os relevos das galerias de Borobudur representam textos budistas. Um destes textos é o Gandavyūha, que nos ensina que os seres iluminados desenvolveram qualidades únicas e diferentes.⁽⁵⁾

Para compreender mais, temos que expandir a nossa consciência

No seu esforço para descobrir o carácter individual de outros seres, temos que pensar que a nossa vulgar consciência humana tem as suas limitações. Primeiro que tudo, a maior parte de nós não está habituada a uma apurada e exacta observação. Ouvimos falar daqueles que estudam por exemplo, bandos de galhas, que eles aprendem a distinguir os pássaros uns por uns. Isto torna-os incapazes de estudar as únicas relações sociais entre elas. Em aditamento, os nossos vulgares sentidos físicos têm uma capacidade limitada. Por exemplo, não podemos ver as cores dos raios ultravioletas nem dos raios infravermelhos. Todavia, algumas cores são perceptíveis por certos animais e desempenham um papel nas suas vidas. Os cientistas figuraram

como pássaros vêem belamente o mundo de uma maneira diferente da nossa.⁽⁶⁾

E temos então a limitação da nossa compreensão, das nossas actuais perspectivas. Em princípio, somos capazes de nos identificarmos a nós próprios com outros seres e portanto conhecê-los “a partir de dentro”. Somos capazes de fazer isso com o nosso mais elevado pensamento universal, chamado Buddhi-Manas em Sânscrito. Mas isso exige uma quantidade de treino e uma motivação altruísta. A maior parte das pessoas ainda têm grandes dificuldades em compreender os seres humanos seus companheiros, muito menos peixes ou Buddhas. Mas nós podemos aprender a usar o nosso Buddhi-Manas cada vez mais.

Será que as teorias científicas se aproximam da Teosofia?

O pensamento teosófico, acima esboçado, é confirmado pela ciência? A resposta geral é “sim”. As investigações animais têm revelado pronunciadas diferenças nas atitudes individuais e no comportamento entre os mais elevados mamíferos, tais como os macacos, os elefantes e as baleias. O mesmo é verdade para um número de espécies de pássaros. Esta individualidade já nós próprios reconhecemos nos animais que nós próprios guardamos. Mas será que

os peixes, insectos, vermes, e organismos unicelulares individuais têm também traços únicos e, portanto, maneiras individuais de responder? Pequenas investigações têm sido feitas acerca desta importante questão, tanto quanto sabemos. Algo que é já bem conhecido: alguns polvos são mais capazes de usar certos objectos do que outros. Mas aqui, também, estamos a tratar com um animal relativamente altamente desenvolvido.

Quando, porém, falamos de seres que são muito menos desenvolvidos, como os seres que animam átomos químicos e moléculas, devíamos esperar que todos reagissem da mesma maneira. Mas mesmo isto não é cem por cento verdade. Muito interessante, uma experiência mostra que as moléculas individuais podem reagir com alguma diferenciação sob as mesmas condições.⁽⁷⁾ Mesmo neste nível! Isto confirma claramente os princípios teosóficos.

Podem os animais e as plantas reconhecer-se uns aos outros individualmente?

Todos os seres, então, são consciências individuais, cada um dos quais com suas próprias características. Isto levanta a questão: que animais podem reconhecer os seus conespecíficos como indivíduos? Os cientistas conhecem muitos exemplos de animais mais elevados que se reconhecem uns aos outros como seres únicos: usualmente pássaros e mamíferos. Nem sempre por meio da vista: algumas vezes, eles reconhecem-se uns aos outros pelo som (o som da baleia jubarte, por exemplo) ou cheiro (cães). Os sentidos astrais, que são mais activos nos animais do que em muitos homens, podem também desempenhar um papel.

Numa manada de elefantes, os animais conhecem-se uns aos outros pessoalmente. Nos animais menos evoluídos não foi ainda observado. E parece lógico que um animal apenas possa distinguir os seus conespecíficos individualmente se ele já fez alguma anterior realização dele próprio como um ser individual, colocado no seu grupo social. Só nos podemos aperceber daquelas coisas que são elementos activos na nossa própria consciência: as potencialidades interiores que já desenvolvemos. De outra maneira, não há “ressonância” possível.

Cada ser expressa a Unidade sem limites na sua própria maneira

Deste modo, a nossa conclusão é: cada ser construiu uma característica individual, e continuará a fazê-lo através de todos os seus subsequentes estádios durante a eternidade. Todos os seres são parte da Vida Una Universal, e – um

paradoxo fundamental – expressa sempre a Vida Universal na sua própria maneira, única e individual. Essa é a base da Fraternidade Universal.

Referências

1. G. de Purucker, *The Esoteric Tradition [A Tradição Esotérica]*, vol. 2 p. 940. Fonte <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/the-esoteric-tradition-vol-1-2/>.
2. G. de Purucker, H.P. Blavatsky: *The Mystery [H.P. Blavatsky: O Mistério]*, Capítulo “The Great Sages and Seers, Part 1”, [“Os Grandes Sábios e Videntes”], primeiro parágrafo. Fonte: <https://www.theosophy-nw.org/theonw/teachers/tehpbm.htm>.
3. G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Fundação I.S.I.S., The Hague, 2015, vol. 7, p. 74-106.
4. G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Fundação I.S.I.S., The Hague, 2015, vol. 5, pág 21-22.
5. Erwin Bomas, o Borobudur e o Buddha. Artigo no *Lúcifer* Holandês, vol. 41, nr.1, Fevereiro de 2019, vol 41, nr. 1, p. 13. Ver “https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_NL/lucifer-nl-2019-1.pdf”.
6. Fonte: <https://sciencephiles.com/acientists-show—birds-see-the-world-compared-to-humans/>.
7. “Gedraagt elke molecuul zich anders?” [“Será que alguma molécula se comporta diferentemente?”], secção “as suas questões” do *Lúcifer* holandês, vol. 30, nº 2, Abril de 2008, p. 62-63.

Perguntas e Respostas

Podemos nos reparar os danos que fizemos aos animais?

Os animais, na bio-indústria, são incapazes de expressar as suas faculdades. Quais são as consequências disto? E como é que nós, humanos, conseguimos reparar aquelas consequências?

Resposta

É verdade que os porcos e as galinhas, conservados muito tempo em estábulos, mal podem manifestar alguns dos seus naturais comportamentos. Pense nas suas interações sociais, seus cuidados dos jovens, dos seus biorritmos, as suas tendências para explorar os seus ambientes, a sua capacidade para se adaptar a todas as espécies de mudanças. Em resultado disso, estes animais sofrem. Eles não podem ser eles próprios, não podem expressar o seu carácter.

Expandir as suas qualidades de consciência – lembremo-nos de que cada ser no cosmos tem o seu fundamental impulso para desenvolver as suas capacidades latentes – é completamente impossível na bio-indústria. Em consequência disso, as suas capacidades para viverem independentemente estão diminuídas. Um músculo que não usamos também se deteriora. O que é que sucederia se nós soltássemos uma vaca leiteira ou um cavalo de corrida numa savana natural? O animal não poderia fazer tal transição a menos que usasse as suas próprias capacidades outra vez durante anos de treino com um rebanho selvagem. Deste

modo, abrindo as portas para uma quinta de visons para “libertar” estes animais nunca é solução. Nem que coloquemos uma urbanização de repente no meio da Floresta Amazónica.

A propósito, usualmente guardamos animais, (gado, animais de estimação, cavalos de corrida, etc.) tornando-os cada vez mais dependentes de nós. Isto quer dizer que, quando estes animais nascem, eles voltam a viver num meio tão artificial – se disponível – ou entrar em problemas, se nasceram mais ou menos no mundo selvagem. Como é que se muda esta situação? Primeiramente, temos que atingir uma reforma fundamental da nossa visão sobre os animais (e sobre nós próprios). Devemos partir daqui, porque só então pensaremos como devíamos tratar os animais. Os animais são seres cósmicos completamente iguais a nós e portanto não são objectos, não são meios para preencher os nossos desejos exteriores e emocionais. O cosmos é uma unidade, um grande todo vivo, e todos os seres estão indissolúvelmente conectados. Não podemos andar pelo longo caminho da expansão da consciência sem os outros. Os seres mais avançados necessitam dos menos avançados e vice versa.

Nós, humanos, temos uma responsabilidade específica dentro da comunidade da vida. Isto está relacionado com as nossas presentes capacidades de pensar e portanto de compreender, de prever, e de ser ético. É o nosso trabalho como humanidade promover o crescimento interior de todos os seres, onde o possamos fazer. Isto tem grandes implicações para os princípios nos quais nós construímos a nossa civili-

zação. Isto tem um efeito em todas as partes da vida social, incluindo a criação animal, porque nós construímos a partir de um ponto de partida fundamentalmente diferente. Cada um pode formar isto nas suas vidas independentemente, mesmo *agora* ou especialmente agora.

É possível desfazer as consequências do que fizemos uma vez? Ninguém pode apagar o que fizemos alguma vez, nem mesmo os “deuses”. A lei de causa e efeito atravessa todo o cosmos. Cada uma das nossas acções, positivas, negativas ou neutras, têm a sua correspondente influência nos outros seres, eventualmente mesmo em todo o cosmos. E tarde ou cedo essas causas recaem sobre nós como efeitos. A harmonia terá de ser restaurada por nós um dia.

Aquilo que os humanos podem decidir no momento é pensar e agir a partir de diferentes características, semeando outras sementes para o bem de todos os seres com os quais nós interagimos. Procedendo assim: agindo sempre mais ajuizadamente, ainda mais compassivamente.

Em alguns países têm sido aprovadas ou preparadas leis regulando o natural comportamento dos animais de modo a lhes ser dado algum espaço. Isso conduzirá a melhorias práticas, tais como trilhos de leitões que já não são mais cortados. Suficiente água para os patos nadarem, e os coelhos não mais estando confinados em jaulas de malhas de arame. Estas medidas não abolirão ainda a bio-indústria, mas são apesar de tudo um passo importante. É o resultado de uma visão cada vez mais ampla que reconhece o intrínseco direito dos



Reflorestação na reserva ecológica “Cloudbridge” na Costa Rica.

animais a uma vida natural. Naturalmente que há aqueles que objectam que esta nova política de bem estar animal é cara e impraticável. Contudo, na nossa opinião, é a consequência lógica do crescimento das nossas perspectivas de nós, humanos. Esse crescimento pode continuar para sempre. Podemos desenvolver uma compreensão cada vez mais profunda e um crescimento da consciência. Estaremos então cada vez mais aptos a dar o seres cuja evolução temos atrasado uma orientação extra sob a forma de estímulos sensatos. Tal como voltarmos a uma vizinhança urbana que desprezámos para lhe dar as oportunidades que os seus residentes merecem. Ou como dar a outras culturas que outrora desprezámos um espaço adicional para crescimento independente. Ou como dar assistência a pessoas que no passado tratámos injustamente, ainda que eles se comportem agora em relação a nós de uma forma hostil.

Assim, sim, podemos compensar cada desarmonia autocriada, por exemplo, para com os animais. Mesmo se isso exige um tempo muito comprido. Na verdade, é nosso dever, teremos de fazer assim até certo ponto para continuar a nossa evolução. Trata-se de um dos aspectos inspiradores dos ensinamentos sobre a reencarnação e sobre a lei de causa e efeito.

Pergunta

Se levarmos uma ou mais espécies de animais ou plantas de um ecossistema, isso pode ter um grande efeito na cadeia total. Será que isso é recuperável?

Resposta

Certamente que os ecossistemas podem ser restaurados, com mais ou menos esforço. Assim, restauramos ecossistemas apenas parando as nossas acções de deterioração – poluição ambiental, por exemplo – e dando mais espaço para estes ecossistemas se desenvolverem eles próprios. Usualmente, é amplamente conhecido que precisamos fazer alguma coisa para atingir estes objectivos. Só fazendo actualmente assim é que estes ecossistemas são capazes de voltar a atrair as espécies que uma vez (localmente) erradicámos. Devemos estar preparados para ultrapassar certos nossos laços e desejos materiais e agir a partir do nosso sentido de responsabilidade para com todas as coisas vivas.

Este processo de recuperação pode ser longo ou curto. Se nós destruímos ou poluímos um ecossistema até ao ponto da desertificação, tal processo de recuperação pode demorar séculos. Consideremos, por exemplo, o que a Espanha fez às suas florestas há vários séculos. As consequências ainda são consideráveis e visíveis em várias províncias. E se se tratasse apenas

da reintrodução do lobo, isso podia ser muito mais rápido.⁽¹⁾

Quando destruímos completamente ecossistemas, privamos os seres animais que tinham aí a sua escola de aprendizagem da oportunidade de ingressar naquela escola e de aprender a partir das suas experiências. Por consequência, desaceleramos o seu desenvolvimento interior. Hoje em dia é geralmente compreendido que a humanidade devia estabelecer um relacionamento com os seres animais, vegetais e animais do nosso planeta em ordem a conservar as suas próprias condições físicas de um modo aceitável. Embora isto seja um facto, a Teosofia dá-nos uma base muito mais inspiradora e altruísta para as nossas vidas, uma base mais duradoura: todos os seres que nos seguem na longa via do crescimento interior são completamente iguais a nós. Exactamente como uma criança de 6 anos é completamente equivalente a uma de 12 ou 18 anos, porque todos os três transportam todas as capacidades cósmicas dentro delas. Elas diferem umas das outras apenas no grau em que elas “desembalaram” aquelas qualidades interiores. Portanto, os seres animais e vegetais, embora muito dissemelhantes tão longe a quanto respeita a sua actual expressão, são equivalentes. A Fraternidade Universal é um facto na Natureza.

Referencia

1. Ver, por exemplo, o vídeo “How wolves change rivers” [“Como os lobos mudam rios”], <https://www.youtube.com/>

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito
de fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a
sede editorial:

luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel
custam €4,60 e €9,20 para uma edição
dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de
crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode
ser reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou
de outra forma, sem permissão anterior
da Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar

este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.

A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).